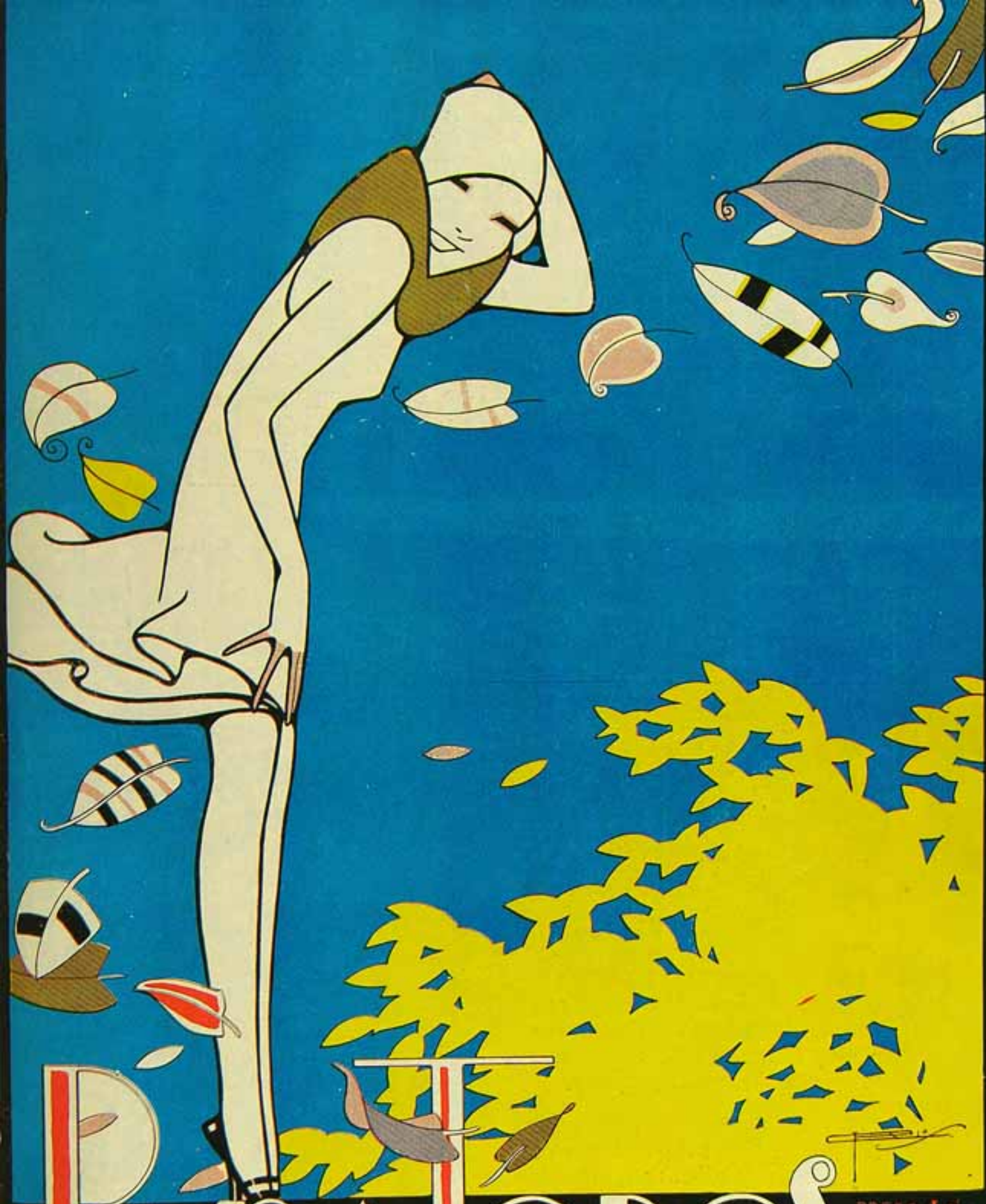




PREÇO 1\$



ARA

ANNO XI • NUM. 551

ODOS

6 • JULHO • 1929

Depois de uma alegre noitada—

*depois de ter bebido e fumado
em excesso, amanheceu com
dôr de cabeça, mal estar
e depressão.*

Ah, como o alliviarão, então,
devolvendo-lhe as forças, o bem
estar e a alegria, dois comprimi-
dos da nobre e excellente



Incomparavel, tambem,
contra as dôres de cabeça em
geral; dôres de dentes e ou-
vido; nevralgias, enxaque-
cas, rheumatismo, etc.

Allivia rapidamente, restaura as
forças e não affecta o coração
nem os rins.



*“a minha melhor
companheira”!*

Dialogo

— Ah! vai Madame Lins... Não a conheces?

— De nome, apenas. Mas, que! Aquella enormidade de pés inchados?

— Podre de rica, meu caro! O que não impede pareça um cachalote fora d'água... Repara como os pés de armíño e seda vão cautelosos, a pisarem sobre trezentas dúzias de ovos ou cinco armíños de agulhas! Coitada... Necessita quasi de um guindaste para poder andar...

— Nós não somos maldizentes. Mas, vê-se cada monstro neste mundo! Olha lá, Symphronio, aquella bonequinha de "biscuit", que palheta de tintas! E' a filha do Lopes... Dizem horrores della, aqui entre nós!

— E' filha do Lopes? Aquelle anão, cunhado do Caldas, nosso velho conhecido? A proposito, como este ultimo engorda a olhos vistos! Que perfil de babilussa tem elle! Que tipo...

— E' verdade! Está immenso, o Caldas. Se o rachassem pela barriga, saltaria della, certamente, o estado de Minas em peso, representado por perfumados queijos e saborosos requeijões. Não saes das confeitarias, o guloso...

— E' um Deus nos acuda! E que soberba caréca! Cada vez mais alvirosada e luzidia! Eis ahí, Polycarpo, um sujeito que vem comprovar, pela obesidade, a lei de que tudo no universo tende a ser redondo, conceito dos astrónomos e dos... comilões!

— Tem graça... Mas, olha bem, Symphronio, quem vem saindo do cine Odeon! Aquelle famoso idiota mettido a espirituoso, e capaz de fazer chorar até as victimas do gaz hilarante... Que virá elle farejando? Suas eternas anedotas sem graça nenhuma, com certeza... Tolo!

— Hum... Esse que ahí vai, todo cheio de si, estás vendo? Esse magro, da barbicha, tem uma esposa bem bonita, e uma fortuna solida... Caboclo de sorte!

— Pois não parece... Como se veste mal! Que fatiota réles!

— E' para veres, meu caro. Tem de seu, o jéca. Um sitio em Fr'burgo, onde mora a mulher, numa moldura desconxavada de cravos e repolhos...

— Como assim?

Cultiva as duas cousas ao mesmo tempo! Que azemola sem gosto e sem elegancia! E' o verdadeiro perfil do novo-rico...

Os dois polos



Os pés são a base — de seu bom tratamento resulta a boa disposição para tudo.

Uma boa meia e um sapato anatomicamente feitos, eis a solução.

O que equivale a dizer — comprar na *Casa River*

A cabeça é o polo donde sahem as ordens para execução de todas as acções.

Usar um chapéo racionalmente fabricado, um protector elegante, eis a solução.

O que equivale a dizer — comprar na *Casa River*

Casa River

CALÇADOS
CHAPEOS, MEIAS

BENGALAS
MIUDEZAS, ETC.

RUA DA ASSEMBLEIA, 44-46

— Conheço um assim. Mal sabe ler e escrever, e tem milhares de contos! Quando ri, que riso impicante! assobia á moda dos macacos... Uma caricatura, afinal!

— E ainda querem, depois disso, que a gente não fale mal dos outros... Contrasenço, não é, Symphronio amigo?

— Pura falta de assumpto, Polycarpo!
MARINA COELHO CINTRA

GESSY

A QUINTESSENCIA DOS SABONETES

Leiam, ás quartas-feiras, "Cinearte", a mais completa revista cinematographica.

EXIJAM SEMPRE
THERMOMETROS PARA FEBRE
"CASELLA - LONDON"



FUNCCIONAMENTO GARANTIDO

Prentiss Middleton estava sentado no seu escriptorio, que a casa Bigelow, Wayne and Co. lhe destinava, enquanto contemplava, pensativo, os edificios de Wall Street que se erguiam na calçada opposta. Mesmo em frente á sua janella, e entre arranha-céus gigantescos que ostentavam pomposamente o nome dos centenares de empresas que os povoavam, havia um modestissimo edificio, de planta baixa e que não tinha mais de dois andares. Na parte superior e central da porta, havia uma simples legenda: "Starrett and Co."

Nem mais uma palavra Starrett & Cia. estavam ali ha cincoenta annos, e continuariam estando durante outros tantos.

Prentiss Middleton, trabalhando no seu escriptoriozinho fronteiro, imaginára-se muitas vezes compondo um cartão commercial para a formidável firma Starrett and Co., "Reorganização de Estradas de Ferro, vigorização e rejuvenescimento de indústrias em bancarrota; companhias de trusts, companhias de seguros e bancos, vendem-se e compram-se".

E com tudo isto, ainda não se descreviam exactamente as suas multiples actividades. Se o negocio era grande, immediatamente Starrett & Cia. entravam nelle, e não tardavam em ficar com tudo.

Uma empresa podia ser pequena demais, para os interessar; nenhuma era grande demais para isso. A Associação Industrial de Algodão, A Companhia Nacional de Transportes, o Serviço Intercontinental de Aviação tinham chegado, a seu tempo, ás mãos de Starrett and Co., tinham passado diversos na sala morna, a sala de vapor e a ducha fria, para emergir, por ultimo, irradiando vitalidade e juventude. Algumas destas cousas tinham chegado ao conhecimento de Prentiss Middleton durante os dois annos em que occupára o posto de secretario-ajudante de Bigelow, Wayne and Co. E outras, adivinhava-as. O effeito resultante era que acabava por contemplar a figura rechonchuda que occasionalmente divisava na rua, com um respeito proximo á reverencia. Muita gente tomava Oliverio Starrett por um mestre-escola de provincia, ou um miserrimo empregado que ha varios mezes não recebia o seu ordenado. Vestia com desalino, e a sua physionomia parecia suave e benevola. Mas Prentiss conhecia bem Oliverio Starrett e não hesitava em taxal-o de napoleónico.

Este qualificativo apparecera-lhe, ao cabo de vinte mezes de vida financeira. Conhecia Oliverio Starrett desde ha muito. E conhecera-o, como o gentil e bondoso pae da donzella que tencionava, um dia, desposar. Mas, quando a sua intervenção como empregado da casa Bigelow, Wayne & Cia., levára-o ao conhecimento de factos, circumstancias e contas correntes, sentiu-se desconcertado. Porque Starrett occupava, em seu campo de acção, um lugar muito proximo ao mesmissimo centro.

Apezar de Jean Starrett ter sómente dezessete annos, e, portanto, meia dúzia menos do que elle, parecia a Pren-

Para todos...

Revista semanal, propriedade da S. Anonyma "O Malho". Directores Alvaro Moreyra e J. Carlos. Director-gerente Antonio A. de Souza e Silva.

Assignaturas: Brasil - 1 anno, 48\$000. 6 mezes, 25\$000. Extrangeiro - 1 anno, 85\$000. 6 mezes, 45\$000. As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e serão acceltas annual ou semestralmente. "Para todos"... apparece aos sabbados e publica, todos os annos, pelo Natal, uma edição extraordinária.

Montanha de Milhões

tiss que se tinham conhecido sempre. O facto dos Starrett terem conseguido uma grande fortuna e dos Middleton serem quasi pobres, não tinha a menor importancia para o joven par. Uma só cousa o tinha: amavam-se. Sentiam-se mais felizes do que nunca, em companhia um do outro, e a sua amizade transformára-se, insensivelmente, em amor. Deste modo, nada mais os preocupava. Prentiss voltou para o seu gabinete, com um suspiro. O problema que se lhe deparava, parecera-lhe de muito facil solução até pouco. Amar e casar-se: isto se lhe apresentára como um raciocinio bastante logico, até a montanha de milhões dos Starrett se interpor entre elles. Tarde ou cedo, a propria montanha de milhões de Prentiss começaria tambem a crescer; mas, antes disso, as semanas formariam os mezes, e os mezes, os annos. E o rapaz começava a se cansar da espera. O seu caracter nunca o deixara imaginar que, na qualidade de genro de Starrett, podia muito bem começar por cima e não pelo degrão mais baixo da fortuna. Tinha firmes tenções de abrir caminho por seu proprio esforço.

Se não fosse por causa de Carol Perkins que, segundo as más linguas, queria Prentiss para ella mesma, o

romance da filha do capitalista e do secretario teria progredido até uma conclusão feliz. Cedo ou tarde, o joven par ter-se-ia cansado de esperar. Cedo ou tarde se teriam exposto á mercê de Oliverio Starrett, e este ultimo, approvando de muito boa vontade, a esco'ha de sua filha, e, possuindo mais dinheiro do que necessitava, teria removido todas as difficuldades, garantujando, simplesmente, algumas palavras num cheque.

Depois disto, Jean Starrett se teria transformado na senhora Prentiss Middleton, e teria sido, a julgar pelos antecedentes, muito feliz, desde então. Mas ali estava Carol Perkins.

— Quer'ida — murmurou, tomando uma xícara de chá — parece-me uma cousa assombrosa e emocionante. — Carol tinha apenas dezessete annos, isto é, dois mezes menos que Jean; mas possuia uma sabedoria social, muito superior á communna sua idade. — O rapaz pobre e a herdeira rica. Não achas esplendido?

— Sim — concordou Jean.

Suas faces se avermelharam intensamente. A metade do prazer derivado de um noivado secreto consiste em compartilha-lo com discretas amiguinhas. Acabava de contar á Carol o que a esperta rapariga desconfiára já.

— Não tem um centavo, e vaes-te casar com elle — proseguiu Carol, em seu plano de combate. — Não terás criadas; morarás num pequeno appartamento; terás que cozinhar, remendar, lavar e fazer sósinha todo o trabalho da casa.

— Nunca pensei nisso — confessou Jean, candidamente. Levantou inconscientemente os graciosos hombros. — Mas se outras raparigas o fazem, eu tambem posso fazel-o.



ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA

Revista mensal de literatura, arte e alto mundanismo, publicando em cada edição quatro reproduções de telas de pintores consagrados.



— Com a tua educação ?
Com a vida que tens levado até agora ?

— E que ?

— Até agora, tens tido criadas que fizeram tudo para ti; desde os seis annos, uma camareira para ti só, que te preparava todas as cousas. Achas que poderás passar sem ella ?

— Pelo menos, pod'as experimentar.

— E seria sufficiente ?
Sinceramente, Jean: sabes estrellar um ovo ?

Jean riu alegremente.

— Se o estrello — declarou com segurança, — Prentiss o comerá.

— Quantas vezes ?

— Pa'avra, Carol, — gracejou a rica herdeira, — não pensava que um ovo estrellado se pudesse comer mais de uma vez.

Carol moveu a cabeça, irritada.

— Não tomes o caso em burla ! Tudo irá muito bem, durante a primeira semana, ou mesmo durante os primeiros mezes. Conheço outras moças que procuraram fazel-o. Parece tão attrahente, tão facil, tão divertido... em theoria ! E depois... querida, conheces a tristissima situação da dona de casa que não tem quem a ajude ? Lavaste, alguma vez, uma pilha de pratos que, na noite anterior, estavas muito cansada para lavar ? Abandonaste alguma vez a cama quentinha, numa fria manhã de inverno, para ir preparar o café ? Remendaste, alguma vez, um par de meias ?

— E tu ?

— Não — respondeu a amiga; — mas ouvi o que outras contavam a esse respeito.

— Pois, se ellas viveram para contal-o — redarguiu Jean, — acho que eu tambem viverei. Lembro-me que minha avó costumava fazer essas cousas só, e ella não se sente envergonhada de falar nellas agora. E não lhe fez mal nenhum. Como não me fará tambem a mim. De qualquer maneira — concluiu valentemente — Prentiss não tardará em fazer carreira.

— Essa é justamente uma das vantagens do seu casamento — commentou seccamente, Carol, — Póde avançar, de um só golpe, para cima.

— O que dizes não é leal.

— Por que não ?

— Prentiss não é assim tão pobre.

— Como não ?

— Tem auto

— Tem-n'o chamado com varios nomes — admittiu Carol; mas nunca ouvi dizer "auto" a esse vehiculo.

— Sua familia vive num bairro muito aristocratico e decente.

— Não — contradisse a persistente amiga, — E' aristocratico, quando se dobra a esquina; mas elles moram na parte da esquina que ainda não o é. Ali, o aluguel é mais barato.

— Veraneiam invariavelmente todos os annos.

Para todos...

Toda a correspondencia como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita por vale postal ou carta registrada com valor declarado) deve ser dirigida á Sociedade Anonyma "O Malho", 164, rua do Ouvidor, Rio de Janeiro.
Endereço telegraphico O Malho.
Rio. Telephones: Gerencia: Norte 5402. Escritorio: Norte 5818.
Annuncios: Norte 6131. Officinas: Villa 6247. Succursal em S. Paulo dirigida pelo Sr. Plinio Cavalcanti, rua Senador Feijó, 27, 8.º andar, salas 86 e 87.

— Sim... quando são convidados para passar um "week-end".

— Carol, que estás procurando fazer ? — perguntou Jean. — Diminuir os meritos de Prentiss ? — E os seus olhos faiscaram, perigosamente.

— Ao contrario — protestou Carol. — Prentiss é um rapaz excellente, e todos gostam d'elle. Mas, se casares com elle, tens de andar muito devagar.

Póde muito bem fazer carreira; mas, se não o fizer ?

Pela primeira vez, Jean pareceu vacillar.

— Bem — confessou ; — neste caso, tenho o Papae.

— Ah ! — exclamou a amiga, — Eu te esperava nesse ponto ! Não achas que Prentiss o saiba ? Tu arrisca a miseria, casando-te com Prentiss; elle, porém, não, estou bem certa !

Os dezeseite annos e a candura de Jean tinham-n'a levado a discutir os seus problemas mais intimos com Carol; mas esta ultima phrase ultrapassava já os privilegios de qualquer amizade. Jean tomou rapidamente uma attituded digna.

Carol — lembrou — mudemos de assumpto.

Porém a flexa tinha chegado ao alvo, e o veneno começou a produzir effeito. Durante o resto da tarde, não poudes pensar noutra cousa.

Nunca lhe occorrera que Prentiss pudesse ter motivos menos claros do que os que apparentava. Isso era ridiculo, absurdo, mas, uma vez infiltrado em seu cerebro, era tambem inquietante. Outros homens se casavam, por dinheiro; porém ella collocára Prentiss em uma categoria aparte e superior. Era impossivel que Prentiss contrahisse matrimonio por dinheiro. Mas, que certeza tinha ella, afinal, dessa impossibilidade ?

Enquanto se vestia para o jantar, discutiu consigo mesma. Quanto mais reflectia, mais se via longe de uma concussão, e mais se irritava contra si mesma. Entrou na sala de jantar, tomada de uma colera fria, furiosa contra quem, não sabia. Durante toda a refeição, guardou um silencio quasi completo.

Oliverio Starrett, observando a filha, pensou que, aos dezeseite annos, os accessos de colera silenciosa são muito communs, e de esperar, de modo que concentrou sua attenção num vinho francez que o seu contrabandista acabava de trazer-lhe.

Quando o mordomo annunciou que chegára o Sr. Middleton, o pae pensou, e com razão, que a presença do rapaz dissiparia as espessas nuvens que velavam a fronte de Jean. Isso, embora a expressão do rosto da menina não o fizesse esperar, nesse momento.

Jean sentia firme vontade de fazer Prentiss passar pela prova do fogo. Amava-o profundamente. Mas nem mesmo o amor deve ser cego. Não que duvidasse ! Longe d'ella toda a duvida ! Mas o mundo tem o costume de apresentar as cousas sob um aspecto muito feio e indesejavel. Assim pensava Jean, enquanto acompanhava Prentiss até a sala de musica.

(Term'na no proximo numero)

Percival Wilde



CINEARTE

A revista mais completa em assumptos da cinematographia moderna.



Clinica Medica de "Para todos..."

GAGUEIRA

A gagueira é o modo difficiloso de pronunciar as palavras, sem existir, entretanto, defeito algum, no aparelho da phonação.

A perturbação funcional de que resulta a gagueira é puramente nervosa. E, por isto, havendo firmeza de vontade, poder-se-á, com o emprego de um methodo adequado, modificar o mecanismo da dicção, ao ponto de torná-la perfeitamente normal.

O Dr. Colombat aconselha ao gago que antes de emitir a palavra, faça uma profunda inspiração, absorvendo grande quantidade de ar; depois, recolha a lingua para traz, de modo que a sua ponta chegue ao céu da bocca; ao mesmo tempo, estenda os labios, no mesmo tempo, transversal, para que sejam afastadas as commissuras labiaes; e, em seguida, fale rythmicamente e sem a menor precipitação.

O methodo do Professor Itard consiste em collocar debaixo da lingua um pequeno instrumento de prata, recommendado ao gago que, ao pronunciar as palavras, afaste a lingua, o menos possível, do céu da bocca.

O systema do Dr. Serre tem, como fundamentos, os seguintes principios: vontade firme, intervallos iguaes entre as syllabas e movimentos dos braços que o individuo gago deve impellir para deante, a cada emissão de som. Todas as syllabas devem ter sempre a mesma duração e devem ainda ser bem articuladas e bem ligadas entre si. Finalmente, ao pronunciar as palavras, deve o gago applicar, sobre o labio inferior, o dedo index de uma das mãos.

Segundo o processo do Dr. Violette, a gagueira pôde ser corrigida, unicamente pelo rythmo ou compasso da dicção. Basta que o individuo gago emita as syllabas rythmicamente, batendo palmas compassadas e obrigando a pronuncia das syllabas a ficar em synchronismo com essas palmas. Por conseguinte, as syllabas devem ser proferidas isoladamente e acompanhar, com a maior exactidão, o compasso bater das palmas.

Finalmente, o systema do Professor Chervin, de Paris, tem, como fundamentos, o rythmo, a ordem e a precisão, que o seu autor impõe aos que desejam o tratamento, o qual não é nada mais do que a execução de umas particulares formulas de pronuncia, com lentidão compassada e rigorosamente calculada.

Qual desses processos deve ter a preferença?

Theoricamente não é possível concluir a respeito da superioridade de um methodo sobre os outros, visto como todos elles têm produzido excellentes resultados; e, apenas experimentando-os e procurando adaptá-los ás condições personalissimas de cada individuo que procura corrigir a dicção defeituosa, é que poderemos ser uteis a quem exhibe tão desagradavel anomalia da phonação.

CONSULTORIO

A. V. (São Paulo) — Siga um regimen alimentar adequado, fazendo, tanto quanto possível, exclusão de toucinho,

manteiga, azeite e outras gorduras, massas alimenticias, farinaceos, doces e todos os productos assucarados. Carnes em geral, pouco arroz e pão, hortaliças, saladas crúas, fructos assucarados, um pouco de vinho leve, leite desnatado e matê deve ser a sua alimentação. Nada de cerveja. Substitua-a pelas aguas mineraes magnesianas, usadas nos repastos e nos intervallos dos mesmos. A medicação fica limitada á "Iodolose Galbrun", — vinte gottas num calice de vinho, no meio de cada refeição principal. Banhos frios geraes, pela manhã.

Medicos

Dr. Armenio Borelli

Cirurgia do adulto e da creança.
Chefe interino da 3ª Enfermaria
de Cirurgia da Santa Casa da Misericórdia.

Consultas: das 4 ás 6, rua Rodrigo Silva, 5—sobrado; telephone C. 3451
Residencia: rua Senador Vergueiro, 11, telephone B. M. 1448.

Dr. Arnaldo de Moraes

Docente da Faculdade de Medicina,
Da Maternidade do Hospital da Misericórdia e da Polyclínica
do Rio de Janeiro.

CIRURGIA ABDOMINAL, GYNECOLOGIA E PARTOS
Consultorio: R. Assembléa, 87 (3 ás 6 horas) Tel. Central 2604
Residencia: R. Barão de Icarahy, 28, Botafogo. Tel. B. Mar 1815.

Doenças nervosas — Males sexuaes
— Syphiliatria — Plastica.

Dr. Hernani de Irajá

Banhos de luz. Raios ultra-violetas e infra-vermelhos. Diathermia. Alta-frequencia Galvano-faradisação. Endoscopia. Massagens electricas por habil enfermeira. Processos rapidos para engordar ou emmagrecer. Tratamento de signaes, verrugas, cicatrizes viciosas pela electrolyse e electro coagulação.

Das 2 ás 6 — Praça Floriano, 23 — 5º andar "Casa Allemã"

Clinica Medica do

Dr. NEVES-MANTA

(Assistente da Faculdade)

Especialmente o tratamento das Doenças Nervosas e Mentaes nas suas relações com as doenças funcionaes do Estomago, Fígado e Rins
Rua Rodrigo Silva, 30 — 1º

Diariamente ás 2 horas

banhos de sol e de luz, exercicios de gymnastica sueca e grandes passeios a pé completam o tratamento.

DUZENTOS (Bello Horizonte) — Use, pela manhã e á noite, "Sedoline", numa xícara de infuso de melissa. Alternadamente use, depois de cada refeição principal, num dia, 2 confeitos de "Ibogaine Nyrdahl" e, no outro dia, 2 comprimidos de orchitina. Faça, por semana, 3 injeções intra-musculares com o "Nuclearsitol Robin".

LEITORA (Rio) — Internamente use "Panlacto Medy" — uma capsula num pouco d'agua assucarada, depois de cada refeição principal. Externamente applique em massagens: bichlorureto de hydrargyrio 5 centigrammas, chlorhydrate de ammoniaco 1 gramma, hydrolato de amendoas amargas 8 grammas, alcool a 60 grãos 8 grammas, emulsão de amendoas amargas 250 grammas.

VAIDOSA (Netheroy) — Pôde usar, para os cabelos alternadamente, em cada semana, as formulas seguintes: 1º, sulfato de ferro 2 grammas, vinho tinto 120 grammas (o vinho, com o sulfato pulverisado, deve ser posto a ferver, durante alguns minutos); 2º, essencia de alfazema 5 gottas, tintura de cascas verdes de nozes 125 grammas.

J. E. C. (Taubaté) — No seu caso tem inteira applicação o brocardo popular "quem espera sempre alcança..." Que impaciencia! Continue com a medicação prescripta. Pois não vê que uma diathese não pôde ser debellada em poucos dias?

DR. DURVAL DE BRITO.

Dr. Alexandrino Agra

CIRURGIÃO DENTISTA

Participa aos seus amigos e clientes que reabriu o seu consultorio

RUA RODRIGO SILVA N. 28

Telephone C. 1838

S. A. "O MALHO"

S. PAULO

PARA ASSIGNATURAS, ANNUNCIOS OU QUALQUER OUTRO ASSUMPTO, PROCURE NOSSA SUCCURSAL:

Rua Senador Feijó, 27

8º ANDAR — SALAS 86 E 87

ONDE SERA' ATTENDIDO COM A MAIOR SOLICITUDE.

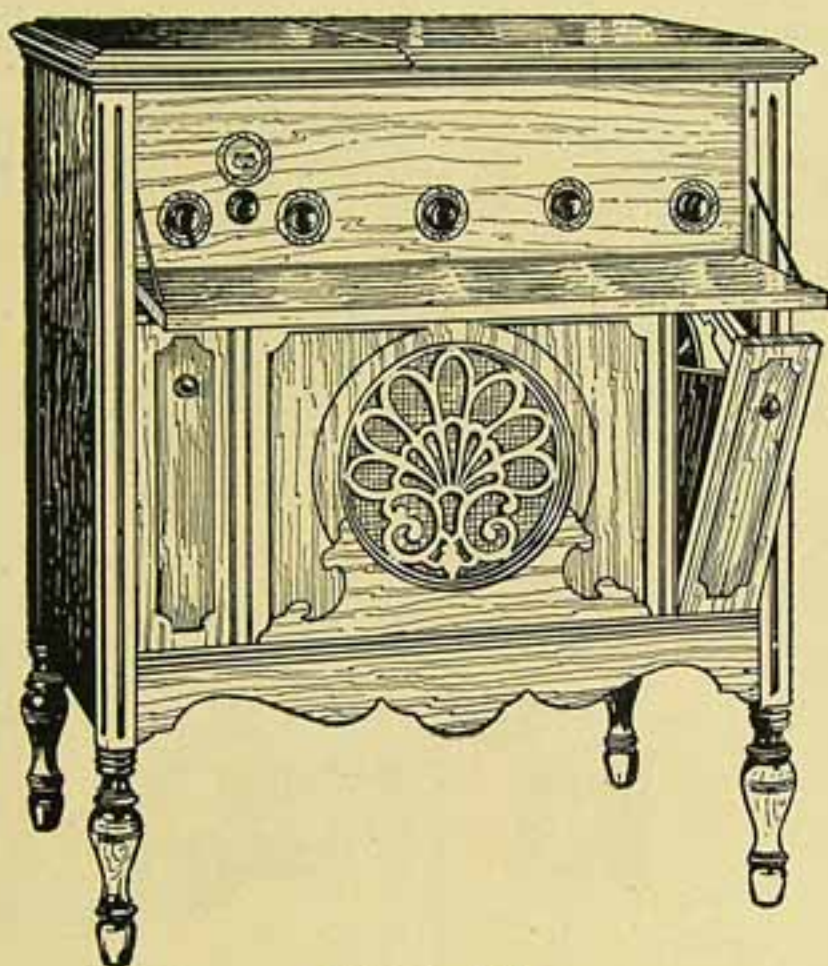
AS NOSSAS REVISTAS, LIDAS DESDE OS GRANDES CENTROS, AOS LOGAREJOS MAIS REMOTOS DO BRASIL, ACTUAM EM TODAS AS CLASSES SOCIAES

Telephone: 2-1691

COLUMBIA-KOLSTER

VIVA-TONAL

COMBINAÇÃO RADIO PHONOGRAPHO



Modelo 961

Em elegante movel — uma combinação soberba — Radio com 7 valvulas de longo alcance e phonographo electrico, com alto falante dinamico Kolster, com pureza e sonoridade sem igual.

A' VENDA NAS BOAS CASAS DO RAMO

DISTRIBUIDORES GERAES

B Y I N G T O N & Cia.

Rua General Camara 65

Rio de Janeiro

S. PAULO — SANTOS — CURITYBA — PORTO ALEGRE — RIO GRANDE — RECIFE





AGUA DE COLONIA "FLORIL"

ULTRA FINA E CONCENTRADA

A' venda em toda a parte

SABONETE "FLORIL"

o mais puro e perfumado

LAB. DO SABÃO RUSSO — RIO

UNICOS DISTRIBUIDORES DA AGUA DE COLONIA "FLORIL" EM S. PAULO, CASA FACHADA

SABÃO RUSSO

(SOLIDO E EM LIQUIDO)

MEDICINAL

Poderoso dentífrico e higienizador da bocca. Contra Rheumatismo, Queimaduras, Contusões, Torceduras, Frieiras, Rugosidades, Comichões, Espinhas, Pannos, Caspa, Sardas e Assaduras do sol.



A. D O R É T



Cabelleireiro —
Ondulação per-
manente e de
outros syste-
mas — Mani-
curas — Tintu-
ras.

Os melhores
perfumes.

5 — Alcindo Gua-
nabara — 5



BOTA FLUMINENSE

A QUE MAIS BARATO VENDE
50\$000
N. 155



Modernos sapatos de pelica preta, envernizada, forrados de pelica beige, com chic fivellinha, salto francez, grande moda, de ns. 32 a 40.

50\$000
N. 339

Sapatos Miss Brasil, de superior Setim Preto Macão, forrados de pelica branca com bonitas fivellinhas com pedras brilhantes, salto francez, artigo fino, de ns. 32 a 40.



48\$000
N. 4002



Bellos sapatos de superior pelica envernizada, cor cereja, com guarnições de pelica, cinza; bonita combinação (a napolitana), de numeros 36 a 44.

Pelo correlo mais 2\$500 por par

Alberto Antonio de Araujo

AVENIDA PASSOS N. 123

Canto da rua Marechal Floriano, 109



HEMOCLEINE

E' o novo regulador francez apresentado em pequenos granulados perfumados, de gosto agradável e facil absorção. Corrige as regras defeituosas e combate as doenças de senhoras em geral.

Perfumaria Carneiro

A conhecida e conceituada Perfumaria Carneiro, de propriedade dos Srs. Carlos Carneiro, Hugo Carneiro e Tharcilio Nascimento, sob a razão social de Carneiro, Nascimento & Cia. Ltda., inaugurou, no dia 22 do mez passado, uma Filial, nesta Capital, sita á rua do Ouvidor, 138.

O acto inaugural, que se revestiu de toda a solemnidade, teve a presença do representante do Exmo. Sr. Dr. Mel'ô Vianna, vice-presidente da Republica; de Senadores, Deputados, representantes da imprensa, commerciantes e grande numero de senhoras e senhoritas da nossa "élite". Ás 14 horas, teve lugar a benção do pred'io, dada pelo ilustre Monseñhor Maximiano da Silva Leite, capelão do Convento de Santa Thereza. Foi, em seguida, servido aos presentes, "champagne" e um luto "lunch", sendo depois franqueado ao publico o novo estabelecimento, que vem concorrer para o progresso do nosso alto commercio.



Dentre as varias e bellas exposições de afamados artigos, destacava-se a do Sabonete "33", que, como producto geralmente apreciado e recommendado, pela nossa sociedade, não poderia faltar em estabelecimento dessa ordem.

Felicitamos a firma Carneiro, Nascimento & Cia. Ltda., augurando as maiores prosperidades á sua Filial.

Elixir de Nogueira



Attesto que tenho usado o "ELIXIR DE NOGUEIRA", do Pharmaceutico-Chimico João da Silva Silveira, em grande escala, obtendo sempre os melhores resultados.

(R. G. do Sul) —
Montenegro, 29/12/1927.

Dr. H. LEISMITS

O ELIXIR DE NOGUEIRA É O
UNICO DEPURATIVO DO SAN-
GUE QUE POSSUE MILHARES
DE ATTESTADOS MEDICOS E
DE PESSOAS CURADAS!

TEM O SEU ATTESTADO NA
VOZ DO POVO!

Brindes aos leitores do MALHO

Os assignantes annuaes do O MALHO têm direito ao
recebimento gratuito do

Almanach do O MALHO

A "PEQUENA BIBLIOTHECA NUM SO' VOLUME",
CUJA EDIÇÃO PARA

1930

ESTA EM ORGANIZAÇÃO

O mais antigo annuario do Brasil e, portanto, o que
melhor conhece as preferencias dos leitores.

EDIÇÕES ESGOTADAS RAPIDAMENTE EM
4 ANNOS SEGUIDOS!

Brunswick

A PANATROPE BRUNSWICK

na opinião de HENRIQUE OSWALD, o glorioso compositor brasileiro:

Não tenho expressões bastante entusiasmáticas para traduzir a minha satisfação, ouvindo um dos últimos modelos das Panatropes Brunswick; é, incontestavelmente, o que, no género, tenho ouvido de melhor e de mais perfeito.

Acho que a audição dos grandes Mestres por meio dosapparehos Panatrope, é da maior utilidade para os virtuosi que desejam educar bem o ouvido e comparar o sentimento e a expressão dos varios Mestres, aperfeiçoando a sua própria interpretação.

H. Oswald



ESTUDAR COM OS
GRANDES MESTRES

A PANATROPE

Brunswick

graças á perfeita nitidez com que reproduz os sons musicaes, em todas as suas minucias, permite ao estudioso de piano a meticolosa revisão de seus estudos, de accôrdo com as interpretações dos grandes Mestres.

VENDEDORES AUTORIZADOS NO
RIO DE JANEIRO

Assumpção & Cia. Ltda.

DISTRIBUIDORES :

Assumpção & Cia. Ltda. — Rio e S. Paulo.

Casa Sotero
Casa Vieira Machado
Faller & Cia.

M. Barros & Cia.
Petropolis Credito Movei
Salgado & Morize

Para Todos...

MARIA BASHKIRTSEFF

1107
R. ACENA
GUIMARÃES
VILLELA

PIERRE BOREL, por um lado e Albéric Cahnet, por outro, emprehenderam a generosa tarefa de immortalisar a figura altamente interessante de Maria Bashkirtseff. Esta artista russa tão genial, que impressionou profundamente os meus travessos quinze annos, encontrou nesses escriptores dois propagandistas

apaixonados, quasi fanaticos. Ambos num afan incansavel de missionarios, celligiram-lhe as cartas, as folhas esparsas e menos conhecidas, os retratos, lançando-os pelo mundo sem esperar outra recompensa a não ser de tornar comprehendida essa ardente e pallida moça que a morte roubou em pleno sonho de belleza, fortemente demonstrado.

No Brasil poucos lhe sabiam o nome, e quando eu com a recordação despertada em mim pelo fulgor do seu talento, me referia a ella, notava uma certa admiração ou talvez mesmo um ar de incredulidade, facil, aliás, de desculpar. Maria vivera sempre em Paris; em Paris o seu espirito se desenvolvera e impregnara de arte; em Paris, aprendera a ser vaidosa, a ser chic, a ser mundana; em Paris, sentira como em parte alguma, sobre as faces emocionadas, o beijo inflammado da gloria. Era pois natural que Paris aticasse a chamma que a haveria de celesbrisar.

Entretanto os anseios sublevando o fragil peito de Maria, causaram mais panno do que encanto, por serem successivos e insoffridos demais para a sociedade onde ella se movia ao poder estimar. A sua sede de notoriedade, minava-lhe o organismo combatido pela molestia, e como toda a creatura que tem a certeza de viver pouco, ella debatia-se em impaciencia e desespero, afim de attingir na juventude o cimo electrizante onde a Gloria sorri e promette. Gladiou percorrendo as paginas do seu diario, abraçadas por um sopro de febre continua, exclamou surprehendido:

— "Esta moça foi um ente prodigioso"

Entretanto examinada através das suas

confissões, ella apparece-nos um tanto differente do que deveria ter sido. Ha ali um misto de candura de irreflexão de caprichos entrecho-cando-se e desmorteando-lhe a physionomia tão attrahente e original. Como succede com todos que se destacam da vulgaridade, a vigança e a calumnia nem sempre a pouparam, mas Maria pouca importancia lhes deveria ter dado, embora uma vez ou outra a sua razão libertada la rede scintillante que se desorientara, tivesse ampejos colericos, velozes como relampagos.

A criança a quem a cartomante diagnosticara um futuro radioso, não suppor de certo, nem mesmo nos momentos mais exaltados, que a sua obra produziria um dia um tão immenso sulco de admiração pelos paizes onde se lê e se medita. A sua precipitação de attingir o sonho que fazia fremir, a sua avidez de conservar no mundo um lugar insubstituivel, devcia, se o pudesse adivinhar, tê-la consolado dos dissabores e das decepções por que passou. Apesar desta fama retumbante, a mãe della viveu numa angustia que dia a dia se reproduzia tornando-se mais intensa e atroz. O seu soffrimento não se calmava receando novas lendas que mais uma vez tentassem macular a personalidade adoravel de Maria. Edmundo Goncourt escreveu uma peça theatral; a Madame Bashkirtseff, algumas vozes perversas communicaram ser a heroína a imagem exacta da filha. Foi necessario um desmentido formal do escriptor para suavisar-lhe o coração sobresaltado.

Henri Bataille compoz outra, e eis de novo o coração materno a tremer que essa estravagante heroína tivesse a ousadia de assemelhar-se a sua pobre morte. Hoje, a velha senhora foi acompanhar no sepulchro aquella que tão enternecidamente amou e tão profundamente a fez padecer.

Enquanto Cahnet e Borel como semeadores infatigaveis vão espalhando a obra desse espirito privilegiado, onde os sentimentos mequinhos nunca se accenderam, impedidos pela grandezza dos seus ideaes, eu sinto como outr'ora, por elle, o mesmo enthusiasmo, a mesma sympathia e a mesma dolorosa compaixão.



Imagens de Santa Theresinha

DOS retratos de Santa Theresinha, o de 1886 tinha ella 13 annos, e que mais me encanta. Nesse tempo ella se chamava Maria Francisca.

*"Entreaberto botão, entrefechada rosa,
Um pouco de menina e um pouco de mulher".*

Seus cabellos, presos por uma fita no alto da cabeça, rodam pelos hombros. Ella sorri com candura, muito levemente. Pôr baixo do queixo largo (um queixo enérgico, expressivo de força de caracter) apparece, espumando sobre a gola do vestido escuro, um friso de renda alvissima de Alençon.

Sinto-me ás vezes conversar com Santa Theresinha, mas isso, a dos 13 annos.

— Tem estudado muito?

— Ando um pouco xadrez.

— Sim? Não acredito!

Rimos-se. A conversa é nas grades do par, que dos "Buissonets". E eu fico sem saber, entre as rosas do jardim, si Machado de Assis teria sido capaz de escrever aquelle verso, si conversasse, como eu, com essa menina... Não, a poesia é um extase mudo. Como o que eu sinto diante de ti, ó menina suave!

O Sr. Martin, que de Santa Theresinha, vem



Nazéa, no pátio interno do Carmelo de Linhares

vindo de lá da fumaça, rheumatico, arrastando uma perna, com uma tesoura de jardineiro na mão. Surge dentre as folhagens, estava a cortar umas flores para o altar de Santa Ignez, da qual são muito devotos. (Dizem em Ligeux que essa família dos "Buissonets", o velho Sr. Martin com as cinco meninas, é extremamente piedosa. Alias, vê-se pelo azulejamento dos olhos d'elles. Deus anda por aqui...)

O Sr. Martin não tem boa vista.

— Quem é Maria Francisca?

— Aquelle moço que veio do Brasil.

— Ah, inande entrar.

— Obrigado, Sr. Martin. Eu posso por acaso, passando. E como vi mademoiselle Maria Francisca Martin... Ihm, entre as flores, no dizer do poeta.

O Sr. Martin sorri com bondade. Santa Theresinha ruborizou-se. Baixou os olhos com humildade. Não sabe que será um dia "la petite fleur"...

O retrato de 1888 é no entanto mais typico. Santa Theresinha é ali uma creatura viva. Parece que já a vimos, que no dobrar de uma rua seu vulto de mocinha de 15 annos passou diante de nós. A maravilha dessa photographia é a vivacidade do olhar no rosto redondo e puro. Fronte larga. O cabelo enrolado, deliciosamente, como o de uma pequena dona de casa que fiscaliza a dispensa, espanta a poeira dos moveis e, com um dedinho recriminador, pergunta — "Como é que se põe uma mesa sem o salento? Quem é que anda fazendo isso?"

São essas as datas que eu adoro. A dos 13 annos em primeiro lugar. E a idade em que uma mulher tem todos os encantos dos 20 e a pureza immaculada do coração.

Depois, na minha predilecção, vem o retrato dos 15. Neste, apesar de toda a frescura da ado-

Notas de uma viagem a Lisieux de Ribeiro Couto

escencia, Santa Theresinha tem qualquer coisa (um quasi nada) de severo. Será effeito do penteadinho de burguezinha?

Vê-se-lhe na orelha um brinco. Na gola da blusa um brinco. Joias da mania morta? Não ha duvida, ha uma certa autoridade nesse rosto encantador. Na casa do velho Sr. Martin, deve ser Santa Theresinha quem trata dos arranjos domesticos. Essas, graves funcções imprimem á sua physionomia o traço indubitavel dos enxada-

dos.

— Eu já disse a papas que precisamos mudar de padreiro!

Sei que a imagem de Santa Theresinha, que os povos veneram, é a que tem o labio de Carmelita. E' para essa, por exemplo, que eu colara de olhos afflicto, outrora, em noites de sofrimento, quando umas roças baixavam sobre mim, no cego de Campos do Jordão, em estrelas cadentes.

Porém agora que conheço as outras, as da adolescencia, sinto uma funda ternura pelo "entreaberto botão".

Em Santa Theresinha do Menino Jesus — ó meu Deus! — que adoro mais: a Santa ou a mulher?



Aos 13 annos, entreaberto botão, ...



Aos 15 annos, poucos dias antes de entrar para o convento.



DOMINGO
DE
CARREIRAS

NO
JOCKEY
CLUB.





AMORE E SONHO

DULCE, creaturinha de movimentos harmoniosos e atitudes moças encantadoras, realizara o milagre de reconhecer a própria felicidade. Que lhe importava a sua pobreza, a necessidade de lutar arduamente pela vida, se o seu espírito era bastante moço, se ella ainda sabia sonhar?

Comquanto bella, de uma belleza muito suave e serena, chegara aos vinte e cinco annos sem ter recebido uma unica declaração de amor. A ella, feita para o sonho e para o amor, os admiráveis psychólogos que são os homens, attribuíam uma belleza de estatua. — E' demasiado calma e um tanto orgulhosa, diziam elles, sem comprehenderem os sentimentos intensos que se escondiam debaixo daquella máscara serena.

Não era pintora nem escultora, digo cantora, como as irmãs, porém, sentia mais a arte do que ellas, e tinha pela belleza um verdadeiro culto. As irmãs chamavam-na com desprazo "prática", porque ella era funcionaria publica, mas este dinheiro ganho "praticamente", attestava-lhe o pudor moral. Queria ser independente materialmente, para ter o direito de amar livremente, sem cogitar da situação financeira daquelle a quem entregasse o coração. Ser boa e ter na representação para ella uma necessidade; adorava os pais e as irmãs, mas só se sentia completamente bem quando amava. Em diferentes épocas de sua vida amara, sem nada esperar, silenciosamente, e de todas estas vezes soffrera a dolorosa desillusão de saber que aquelles que a tinham impressionado eram já noivos. Vira-os depois já casados e também suas mulheres, desilusão mais cruel ainda, porque a escolha das companheiras daquelles homens fôra terrivelmente mediocre: mulheres sem graça, vulgares, quasi feias. A "tração" por parte destas creaturas que durante annos tinham sido o seu pensamento, parecer-lhe-las moças dolorosas se recolhiu em mulheres mais razoáveis.

Na verdade não me honraria a vida, pensava ella, ser amada por homens de tão má gosto.

Fazia já dois annos que ella tivera a sua ultima desillusão de amor, e desde então havia um vazio na sua vida. Não tinha saudade de nenhum dos que amara, mas sim, da faculdade que lhe dera o amor de sentir melhor a vida, de vibrar mais intensamente diante das obras de arte.

Nesta noite, preparava-se para uma festa, vestira-se de negro, o que realçava a alvura da pelle e ornára o pescoço delicado com um collar de perolas. Quando dava os ultimos retoques á toilette, entrou no quarto a irmã, aquella que cantava admiravelmente, mas que ao falar era um tanto rispida. — Não achas que este meu vestido vai

fazer um successo nunca visto? E contemplando-se no grande espelho, ella sorria, mostrando bellos dentes. — Sabes, Dulce? hoje só me importa a admiração de uma unica pessoa. "Elle" é um homem admirável: cinco mil contos, quatro automoveis, uma posição brilhante.

E dizendo estas palavras, que bem lhe revelavam o caracter, ella abraçava a irmã, cheia de entusiasmo.

As duas formavam o maior contraste: Dulce, pequena, loura, delicada; Irene, imponente, alta, morena. A meiga Dulce sabia que tinha os traços mais correctos, formas mais perfeitas que Irene; e, entretanto, na desconfiança de si propria, diante da majestade da irmã, pensou então que toda a sua delicadeza de traços não era mais do que uma triste insignificancia. Alguns minutos depois, chegavam ao Club, onde o jazz, com seu barulho ensurdecedor, enlouquecia momentaneamente os jovens pares.

Dulce não dançava, observava apenas; e logo a impressionou um rapaz alto, de cabellos castanhos, cujo olhar revelava energia.

Elle é bonito e deve ser bom. Imagino que é um filho extremo e melhor do que o commum dos rapazes, dizia consigo a senhadora Dulce.

Uma linda moreninha de dezoito annos veio ter com ella e disse-lhe risonha:

— Oh! Dulce, se soubesses quanto acho sympathico aquelle rapaz. Sabes informar-me alguma coisa a respeito delle?

Dulce sorriu tristemente; estava tão convencida de que só amaria homens já noivos, que disse com a maior convicção: — Não o conheço pessoalmente, e a unica coisa que te posso affirmar é que elle é noivo.

— Que pena, Dulce! Elle é tão attraente... Mas sabes se a noiva é bonita?

— E' insignificante, quasi feia, respondeu ella, certa do que dizia.

Dois minutos depois, corria celerê a noticia do noivado do rapaz, que era nada menos que filho de um dos mais influentes ministros e "acima de tudo", riquissimo.

— Carlos, você nos fez da boa, dizia-lhe uma moça que fôra a segunda a ter noticia do noivado. Ficou noivo e nem uma palavra nos disse...

— Mas quem foi que deu esta informação? perguntou elle espantado. E quando a joven lh'o disse, elle pediu para ser apresentado á linda informante. E nessa noite dançaram juntos varias vezes, sentindo-se Carlos cada vez mais intrigado a respeito da historia do noivado.

STELLA RODRIGUES ESCREVEU
ROBERTO RODRIGUES ILUSTROU

— E' uma linda pequena, differente de todas, pensava elle; e nas raras vezes em que os noivos sôem se encontram, fico deslumbrado deante da expressão do seu olhar.

Quanto a Dulce, sentia-se feliz de ser guiada por um cavalheiro tão alto e forte, de lhe ouvir dizer que era linda, palavras que jamais ouvira de nenhum homem.

— Será que o amor, que foi sempre para mim um sonho, se irá converter em realidade? pensava ella, entre risonha e satisfeita.

E desta noite, durante longos dias, elles guardaram as mais bellas recordações.

Todos os que se achavam reunidos na sala de recepção da familia Arantes, sentiam-se emocionados ao ouvir a voz suavissima de Irene, que interpretava um canto de paixão e soffrimento. Mas ninguém sabia escutar como Dulce, cujo rosto reflectia intensas emoções; e debaixo dessas impressões, com os olhos brilhantes, ella estava mais do que linda, assim pensava Carlos. Elle descobrira atrás daquella máscara serena, uma alma vibrante; e por vezes tinha medo de que algum lhe arrebatasse aquella creaturinha de interessante personalidade. A cantora calava-se, porém, e a conversa seguia-se animada. Divertido com a historia do noivado, Carlos começava a descrever o typo da noiva.

— Ella é loura e pequenina, creio mesmo que da altura da senhorita Dulce. Esta ficou terrivelmente corada, o que mais divertiu Carlos. A admiração deste pela moça tornára-se já evidente, começando a attenção geral a ser despertada para ella. Os rapazes, observando-a melhor, descobriram-lhe encantos nunca imaginados; mas a surpresa culminou quando ella falou; sua voz era uma musica, de uma doçura nunca vista.

— Como são as cousas neste mundo, dizia alguém que já estava começando a soffrir as influencias do encanto de Dulce; vemos mulheres cuja voz afugenta que não se calam um minuto; e esta creatura de voz ideal, raramente dá duas palavras.

Após a reunião, Carlos se retirara esperançoso, sem avaliar o terrível desastre de que seria victima em pouco. Assim, alguns minutos depois, era atropelado por um automovel, ficando com uma perna esmagada, e como resultado fatal era ella amputada immediatamente. Para um homem moço e bonito, confiante na vida e no amor, não poderia haver maior abalo moral. Dulce recebeu horrorizada a noticia do desastre; não por ella que o amara sempre mas...

(Continua no fim da revista)



Chegada ao Rio dos Delegados Argentinos

CENTENARIO DA ACADEMIA DE MEDICINA

Visita dos membros do Congresso Medico ao senhor Presidente da Republica





Na Cathedral quando foi a missa solemne em acção de graças pelo centenario da Academia de Medicina

Na Academia de Medicina, o professor Miguel Couto agradece as homenagens que lhe prestaram os seus collegas. — No Hospital São João Baptista da Lagôa, é feita a inauguração das installações para mulheres e creanças, presidida pelo senhor Washington Luis. — Outro instantaneo no Hospital São João Baptista da Lagôa. — Visita que os delegados argentinos ao Congresso Medico fizeram ao tumulo de Oswaldo Cruz.



A crise é de dinheiro...

Por toda a parte se allude a uma crise de theatro. E' o clamor unanime do intellectualismo alarmado. Será que a mais bella de todas as artes vae desaparecer? perguntam todos afflictos... Parece-me que não. Em que consiste realmente essa crise? Na diminuição de publico, que é tão mais escasso quanto mais elevado é o genero de theatro. Bons artistas e bons autores existem como existiram sempre, sómente a incerteza do ganho prejudica a actividade, e o aperfeiçoamento concomitante, de uns e de outros.

Prefiro ver no phenomeno uma consequencia da má situação economica geral. A vida se tornou, não só na Europa como na America, pesado encargo. Só os abastados pôdem dar-se ao luxo de levar a familia ao theatro quatro ou cinco vezes em cada mez. A educação européa ensina que a diversão é o superfluo e, consequentemente, a restricção nas despesas attinge, em primeiro logar, ao que é dispensavel. Assim não pensa a gente dos Estados Unidos que vê, nos divertimentos, uma razão de ser da existencia, um tonico imprescindivel ao equilibrio dos nervos, e como a situação lá é mais desafogada, vivem cheios os theatros e ninguém se queixa de crise theatral. A essa maneira de vêr as cousas deve o cinema o seu maravilhoso surto naquella paiz. Ir á noite a um divertimento qualquer é, para o norte-americano, necessidade tão imperiosa como o almoço ou o jantar. Luta, assim, empolgado por uma vida de trabalho intenso, contra a neurasthenia. A certeza dos proventos leva por sua vez as empresas a appellar para todos os recursos da intelligencia e da sciencia para melhorar continuamente, artistica e intellectualmente, as diversões que offerecem ao publico, cuja ansia de novidade é, dessa maneira, normalmente satisfeita, o que não acontece nos demais paizes. Tal situação lhe permitta a liderança em materia de divertimentos, facil de comprehender quando se se observa que encanta Paris, a nós e outros povos, com organizações como o "jazz" de moças que o Theatro Casino agasalhou ha pouco.

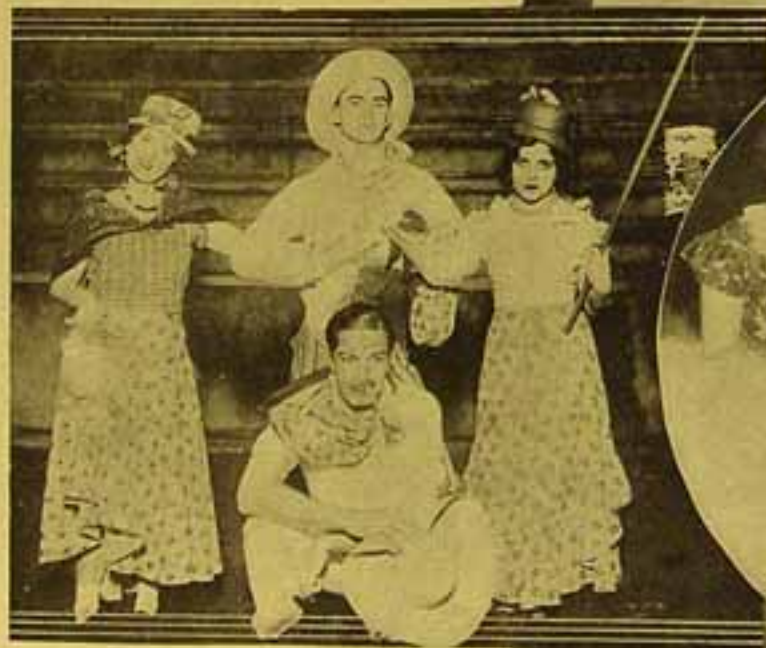


A cantora gaúcha Iracema Follador que vae á Europa, enviada pelo governo do seu Estado, terminar os seus estudos, dará em despedida ao Rio, onde por duas vezes já foi ouvida e applaudida, um lindo recital, sob o patrocínio da Sociedade Riograndense, terça-feira proxima, no Instituto Nacional de Musica.

Não ha, pois, uma crise de theatro; ha crise de dinheiro. Haja dinheiro e o povo, naturalmente procurará as casas de diversões, e todas, como acontece nos Estados Unidos, onde prosperam lado a lado o cinema e o theatro, sem que ninguém se lembrasse nunca de dizer que um está matando o outro. Fraqueza da produção theatral, falta de grandes figuras, domínio da pachuca e dos bufos, tudo são reflexos da situação economica difficil. Não se pôde conceber que, dentre todas as artes, só o theatro pereça. Nem que parem ou retrocedam a imaginação e a intelligencia humana. A menos que se acredite no fim do mundo. — MARIO NUNES



U M A
F E S T A
B E M
B R A S I L E I R A



Instantaneos da Noite de
São João no campo do
Fluminense F. C., com
dansas e cantigas typ'cas,
organizadas pelas senhori-
tas Magdala da Gama Oli-
veira e Lou de More'ra
Santos.



Are you really happy now?...

A pergunta chegou-me entre accordes de uma dessas bulhentas musicas americanas, fox-trot ou rag-time?... não recordo ao certo, — uma dessas musicas que a gente vai dançando sem querer, até mesmo quando só se está ouvindo.

Seria uma pergunta ou uma afirmativa?...

Affirmar felicidade é sempre tão temerário!...

Pergunta então?...

Really happy... really happy... quem o será realmente a ponto de não ter medo de assegurar-o?...

Quem o será?... A palavra é tão grande! felicidade... E nós ainda a fazemos maior.

Ampliamos-a de toda a sofreguidão de nosso desejo, de todo o surto de nossa ambição, de todo o illimitado de nosso sonho. Fazemol-a tão grande que, quando estendemos os braços para prendê-la, já não nos cabe nas mãos...

Grande demais!...

Ultrapassa a nossa capacidade de apprehensão, ultrapassa o âmbito de nossa alma.

Mas qual é a felicidade que pôde ser grande demais?...

Qual essa perfeita alegria embriagadora que não se amesquinha deante do infinito de nossa esperança?...

Are you really happy now?...

Agora?... Sim, talvez o esteja sendo sem o saber.

A gente só é feliz quando não sabe.

Talvez o esteja sendo, não grato meu, os olhos embebedos no rosa tão côr de rosa destas, talvez o esteja sendo na furtiva, indefinível acquiescência desse encontro de vozes...

Imaginamos sempre a felicidade qualquer coisa de grandioso, de inteiriço, de completo.



Por Alves

Josephine Baker

Por Helio



Um bloco de ouro luminoso esculpido à feição do nosso desejo e à medida do nosso coração.

A descoberta de um tesouro... a palma de louros da glória caprichosa... a posse appetecida de um ser...

Fazemol-a depender de um acontecimento, de um objecto ou de alguém.

E' bem mais que tudo isto e é, por vezes, tão menos!...

Um pequenino gesto carinhoso, a inocencia de um riso de criança, tilintando no ar puro de um jardim, a surpresa de uma emoção compartilhada, uma cabeça branca que, de longe, como sempre nos sorri, o dia de hoje, esse pobre dia de hoje em que não foi preciso chorar a perda irremediável de um instante.

Felicidade...

De onde nos terá vindo essa inextinguível sede de tua presença?... Essa fome inapazigável de ti?...

Oh! my love, are you really happy to be my love?...

Oh, minh'alma, será porventura capaz de dizer do que será feita a tua felicidade de amanhã?...

Quem te conhece o semblante real, oh! fugitiva?...

Are you really happy now?...

Na toada por vezes melancolica da musica ha como a secreta ironia de uma duvida, a impertinencia de uma suspeita.

Não acredita que ninguém o seja nem agora, nem depois...

Quem sabe, não acredita que o sou?...

Eu não lhe direi que sim, eu não lhe direi que não...

Ha dias em que a felicidade consiste na conquista aventureira de uma estrella, ha outros em que reside no silencioso apanhar de uma perdida migalha de pão...

Maria
Eugenia
Culso.

Horacio
Cartier

VÉRA



Já estávamos de volta da cidade, e descíamos a praia de Copacabana, quando ella me apontou no mar grosso o navio que se ia e m'bebedo entre a

montanha e o horizonte, e sorriu maliciosa, agitando um adeus que era também uma inquietação de pulseiras:

— Boa viagem, Guilherme! Fica-te por lá com a tua mocidade, que eu estou aqui com o meu amor!

E apertou-me as mãos contente, fitando os olhos no fundo dos meus, e a mostrar-me os dentes muito claros na sua transparencia anilada, como se me quizesse lembrar que a sua bocca era minha.

Aquillo não era um sonho, não! Guilherme não seria mais o contratempo dos nossos encontros, nem a mão que parecia adiantar todos os relógios para nos assustar pelos refugios tepidos, agulhoando a molleza dos extases, e precipitando as despedidas. Em vez de algumas horas entrecortadas de sobresaltos, e do temor dos imprevistos da inveja que espia e delata a felicidade alheia, teríamos dias inteiros, e innumeráveis quasi, semanas e semanas, porque elle só voltaria depois de alguns mezes.

Eu olhava o navio, que era já alguns palmos de pópa a se diluirm nas sombras da tarde e da montanha, uns rolos de fumo que se espalhavam de encontro ás telas distantes do céu, e ficava a imaginar a hypothese de uma volta inesperada. Pois não havia casos de navios, tão grandes como aquelle, que por desarranjo subito das machinas, regressavam ao porto depois de lavados pela viração do mar alto? Se isto acontecesse, que diria Guilherme, batendo á porta de casa, noite fechada, e não encontrando mais niguem? Quem sabe se elle, que era tão amoroso da mulher, não estaria então redigindo um radiogramma gritante de saudades novas, dessas saudades afflictas que surgem ao influxo das primeiras horas da solidão dos oceanos? E eu via o menino dos telegraphos á porta da casa, e a visinhança a desacommodar-se; e ouvia a campainha vibrar lá dentro, no escuro, entre as cousas quietas e abandonadas.

Véra quiz saber no que eu pensava. Que era na delicia de irmos viver juntos, respondi, emergindo da scisma. Lilla então pediu ao chauffeur que andasse mais depressa, e dali a nada estávamos na aba de um morro de casinhas novas, novas e faceiras de flores encarnadas, de vasos suspensos e cortinas de rendas.

Fôra no ultimo grupo dessas construcções, na primeira que se alteou, marcando a esquina da rua por aquelle tempo tortuosa e deserta, que eu me alojara, antes ainda de conhecer Véra. E ali passava os domingos inteiros, estirado na cama repleta de jornaes do dia, fumando e dormindo, e só espaiando á tarde, quando chegava á varanda, e esquecia-me a ver no céu as côres quarteadas dos papagaios, e a ver como ia longe o meu pensamento, levado que elle era pelas vózes das creanças que me afogavam, nem sei bem, se de melancolia, se de ternura.

Depois, como Véra me houvesse entrado na vida, os papagaios se rasgaram, e calou a vóz das creanças, porque tive despreocupação tão grande dos arredores da casinha que, sahindo pela manhã e voltando á noite, não notei nunca as suas companheiras que se iam edificando, nem as luzes do baile branco das mariposas que foram alegrar a rua apertada, e o idyllio dos que noivavam á musica das victrolas.

Mas ainda agora, dando volta á chave, illuminando a varanda e a sala, escutei o bater do coração de Véra. Ella quiz ver tudo ao mesmo tempo. Ficou encantada com a porta de mola que dava para a sala de jantar, abrindo-a e fechando-a uma porção de vezes, e dizendo que desejava ter uma assim. Depois foi á alcova, e destampou todos os vidros de perfume de que eu lhe guardara o toucador, e abra-

cou-me convulsa de alegria quando avistou um pyjama preto e de alamares vermelhos, reconhecendo ser o mesmo que dias antes vira numa vitrine, e experimentara sem querer comprar, só pelo gosto de se remir ao espelho, em contacto com aquellas sedas. E abraçou-me também á entrada do quarto que servia de escriptorio, porque deu então com os olhos num dos seus retratos, um retrato muito antigo, mas emoldurado á sombra de um vaso de rosas ainda frescas, as rosas que eu arranjara pela manhã.

A creada, uma creoula de roupas limpas, que me conhecia desde estudante, e me acompanhara sempre, estava lá no fundo, apromptando o jantar. Véra quiz ver a cozinha. Viu também a creada e parou conversando, conversando para fascinar a negra que, ao outro dia, já parecia gostar mais della que de mim.

Jantamos e fizemos castellos de cartas. Não pude dormir. Que dei-me a noite inteira aos pés do leito de Véra, adorando-a debaixo do quebra-luz que lhe rosava o rosto, e á espera da sensação virgem de vel-a entreabrir os olhos serenos, e estremecer as palpebras ao primeiro raio de sol da manhã que vinha tão depressa. Como era fresco o seu halito pela madrugada!

— Vae fazer amanhã um mez que Guilherme partiu!

— E' verdade. Véra. Parece que foi hontem á tarde!

— Achas? Eu não. Tenho tantas saudades! Não te assustes, nem feches a cara, que não ha razões para ciúmes. Não é delle que tenho saudades. Mas, pensa bem, meu amor, na vida que levo: Ha um mez que não sei o que é ir a um cinema, falar ao telephone, ver uns figurinos, tomar um chá com as amigas.

— Isto não, Véra, tem paciencia! Olha que já fomos duas vezes áquelle cinema da Gavea. Falas todos os dias commigo pelo telephone, e eu te trago figurinos, e aquellas bolachinhas do teu chá.

— Sim, sim, sou muito grata por tudo. Vejo porém que não me comprehendes, e é inutil falar. Has de convir no entanto que tomar chá contigo, dentro destas quatro paredes, vestida como estou, não é ir a uma casa movimentada e elegante, encontrar pessoas que riem e conversam, que conversam futilidades, se quizeres, mas distrahem, distrahem, porque a sociedade é feita dessas cousas, e foi nella afinal que me encontrei, não foi na rua. Cinemas? Então, queres me convencer de que ir a um cinema de arrabalde, uma cousa de gente do povo, um cinema frequentado de mulheres gordas que ninguem sabe de onde vieram, e de velhas exquisitas com creanças pela mão, é o mesmo que ir aos da cidade, onde ha cadeiras macias, e onde se ouve boa musica, e onde ha vida e pessoas conhecidas? O telephone! Falo commigo todos os dias, é verdade; mas quando me chamas nem o prazer posso ter mais de te responder como nos outros tempos "sou eu!", porque é só a creada quem attende aos chamados, para que a minha vóz não seja por acerto reconhecida dos estranhos. Figurinos? Ora, nem é bom continuar.

E Véra falou, falou muito. Não precisava falar tanto porque, desde logo, de attento que eu a analysava sempre, tive a sensação de que a sua alma se despia toda, e era como uma mulher que rasgasse os vestidos, ficasse inteiramente nua diante de mim, mas na illusão de estar vestida, de estar de chapéo e prompta para sahir.

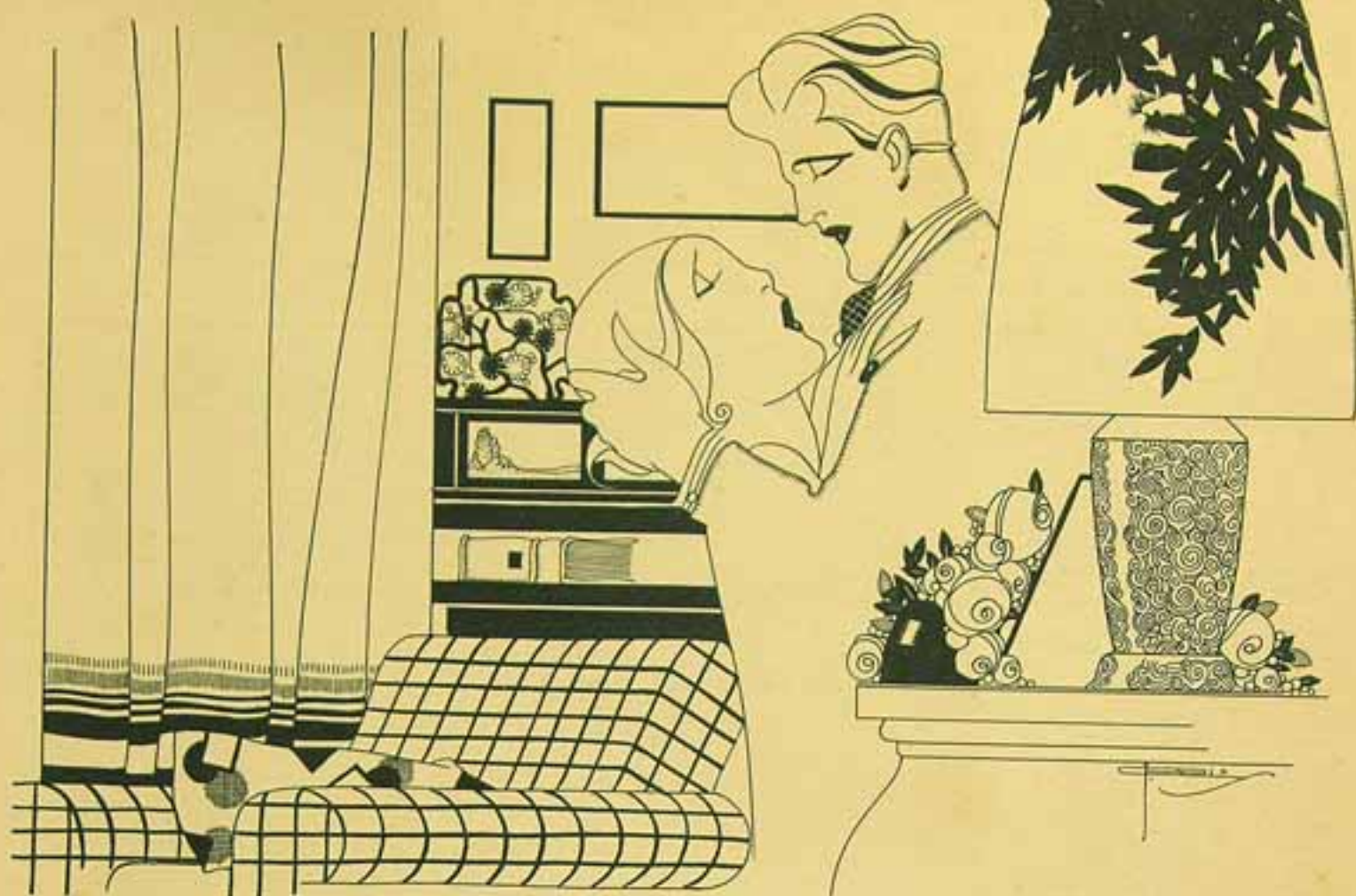
Isto foi n'uma quinta-feira de manhã. No sabbado, como eu lhe falasse da cidade, ella ciciou pelo telephone: — Veiu-me hoje uma fantasia! Não me negues o que te vou pedir. Juras?

— Não é preciso jurar. Já te neguei alguma cousa desta vida? Pedes! Anda!

— Tenho vontade de te encontrar naquella casinha de chá. Sabes? E quero ir depois lá longe, lá onde iam nos naquelles tempos, e ficar contigo duas horas, mas olha que são só duas horas, nem mais um minuto. E' como se o Guilherme já estivesse no Rio.

E fui. Porque, a verdade, é que eu procurava adivinhar os pensamentos de Véra e sem lhe recusar cousa alguma não me sacrificava nunca, que o prazer de vel-a contente me neutralizava todas as repugnancias, todas as resistencias interiores e revoltas intimas; e nem nellas eu pensava. Se Véra não corria a cidade, como n'outros tempos, se não visitava as suas amigas, nem tagarellava pelo telephone, era essa uma situação armada por ella propria, porquanto, querendo participar da minha vida e do meu recolhimento durante a ausencia do





marido, espalhara por todos os conhecidos que estava repousando em Vassouras, com a irmã e a sobrinha, que realmente lá se achavam. Descera apenas naquele dia (era este o seu artificio pelo telephone) para fazer umas compras e pagar umas continhas, mas iria partir de manhã bem cedo, com o escuro ainda...

D'ahi a reclusão forçada, e o amor, que já era forçado tambem. Que pena gostar-se de creatura assim! Mas eu não podia insurgir-me contra as fatalidades daquelle temperamento, nem lhe impôr a minha paixão como uma imagem do bem. Demais, que culpa tinha a pobre da Véra de imaginar a felicidade fóra da monotonia do amor tranquillo? Eu tambem não podia desgostar-me de mim mesmo pelo facto de não saber fantasiar mais nada para lhe afugentar o tédio do amor continuado, esse tédio apprehensivo das cousas vistas e revistas, que se dizem e redizem, e são repetidas afinal como os rythmos do coração, que se acaba tambem cansando.

Era preciso nos salvarmos. Salva-a dos males da grande apathia, e salvar-me a mim da

ameaça de perdê-la de todo, ou do mal de não me enfiar da mesma sorte. Foi pensando nisto que fui por uma noite fria e de chuva, a escoregar na lama, e deixando Véra adormecida entre os acolchoados, até à cidade. Atravessei uma praça enorme, fustigado pelas aguas sujas que espirravam das poças á passagem dos automoveis, e entrei pela sala dos telegraphos, espantando um velho somnolento, e estendendo um telegramma redigido ali mesmo, ás pressas. Era para Guilherme, e dizia assim: "Enferma peço abandonez tudo regressando urgencia, Beijos. Véra."

Entregue e pago o telegramma, amarrotei o recibo e sahi, quasi correndo, tomado do medo da propria fraqueza, porque eu seria capaz de voltar, pedir desculpas, suspender a transmissão.

Desalterei-me apenas quando, pelo tempo decorrido, conjecturei que a expedição fóra feita com certeza.

— Agora, — pensei — que aconteça o que acontecer, e Véra que attribua a quem quizer a miseria do telegramma em seu nome. Guilherme estará de volta dentro de uma semana, no maximo. Paciencia! Ainda será melhor assim...

E no dia seguinte, reparando e alisando os cabel-

los de Véra, e já com a magoa de desagregar-me della, preveni:

— Estou triste. Hontem, quando já dormias, fui á cidade. Era uma questão urgente de familia. Temos de nos separar por uma semana, ou por duas, talvez... Volta hoje mesmo para tua casa e areja tudo. A' tarde poderás ir ao Cinema, se quizeres, ver aquella fita... E amanhã, porque hoje já não terás mais tempo, poderás tambem, se achares melhor, tomar o trem para Vassouras...

Ella pensou que eu voltasse para almoçar. Não voltei, nem a procurei durante muitos dias, porque não me importava saber o que ella fizera da sua liberdade, e contentava-me apenas a certeza de que as saudades haveriam de restituil-a, mais cedo, ou mais tarde, ao silencio e á profundidade do meu amor.



DESENHOS DE
J. CARLOS



Paris à noite

Sahir... o que quer dizer? Antigamente jantávamos na cidade, frequentávamos a sociedade. Agora é diferente: pretendo sahir — sahir de minha casa, dentre as minhas quatro paredes brancas, do meu ambiente normal, de mim mesmo. Posso esquecer-me de tudo: do meu nome, do meu endereço, do dia, da hora, do tempo, das cartas que a vida não abriu, dos encontros a que faltei, do que tenho a fazer, do que deveria ter feito. Pretendo, entretanto, voltar à casa e acho preferível guardar a chave.

Deixo a escada sem me apressar, pois tenho tempo, e parece-me que deixo atrás de mim os remorsos, os preceitos de moral, que recuam na penumbra.

Que delícia repetir baixinho: "Estou atarrado — mas o Destino me protege e ha de esperar por mim?"

Esta noite não vivo no momento presente mas "entre duas águas", como os peixes.

Ao chegar à rua, deparo logo com a Torre Eiffel — onde ir? à direita, à esquerda, "Montmartre", "Montparnasse", os "Boulevards", à rua de "Clichy", ou à "Place Blanche"?

A fantasia, único companheiro agradável para um passeio nocturno em Paris, não nos vem buscar à casa. Combina-se tudo com antecedência e por isso as "pandegas" tornam-se enfiadonhas. "Sei lá delicioso, verá." — "Acho que está esplêndido!" declaram entusiasmadas as mulheres aos maridos exaustos, que já estão pensando na hora de entrar para a repartição. E vamos à Florida, "Florida, que lugar horrível", diz um senhor descontente. Explicamos-lhe que está agora mudado. No carro onde nos empilhámos, alguém afirma que "é preciso curvir Gardel e morrer". Gardel vestido à argentina, canta em argentino palavras simbólicas. Felizmente, ninguém as compreende, mas fazem impressão e todos se sentem emocionados. São evocações, são clamores, ternuras, terrores. Até os indiferentes fazem um esforço e imaginam qualquer coisa. Na sala ha estrangeiros: o bello rosto da Duquesa d'Alba basta para se evocar a Espanha.

Tendo mil cousas a se dizerem, todos se calam. Milagre. As mu-

lheres são todas bonitas. Por exemplo, Mme. Martinez de Hoz (em crêpe chiffon preto). Em outra mesa a Marquessa de San Carlos (em renda cor de ameixa). Mme. Letellier (em crêpe chiffon cor de fogo). Mme. Skoules (em musselina branca). A Condessa de Bohlant (em renda preta). Mais adiante, Lady Davies (em crêpe chiffon preto e a bella Baroneza Styrcza (em "manteau" vermelho e crêpe branco). Pessoas illustres, artistas, estrelas: Edmonde Guy, morena, vem dançar um tango lento. Justo no momento em que a orchestra começa a tocar uma boa musica, um de nós se aborrece e levantamo-nos todos. Encontramos à porta os unicos amigos com quem podemos continuar a nossa peregrinação nocturna — os grupos desfazem-se e refazem-se — passado meia-noite todas as combinações são possíveis.

O "Bosphore", rua Thérèse, não é longe, mas é preciso saber-lhe o nome. Terça-feira passada andámos às tontas à procura de "Constantinople" e de "Stamboul". Aqui ainda se canta e em francez. Um joven de talento (soprano lyrico) canta as grandes arias da Manon, Gaby Montheuse é sempre a mesma e é assim que faz successo. Que prazer enorme ri-se pela centesima vez pela mesma coisa. Poucas promessas são tão bem cumpridas — às tres horas reclama-se energicamente "le Cafard". "Le Cafard" é uma canção atroz para as pessoas alegres. A noitada se apresenta bem. Embraga-vos! não de champagne ou whisky, mas de palavras. O acaso que se esgueira com as correntes de ar, installa-se à minha direita — julgo agradecer-lhe e ouvir revelações surpreendentes. Meu vizinho da esquerda chama-me a attenção para as verdades essenciais — sinto-me muito joven, de uma intelligencia extraordinaria e subtil. A atmosphera torna-se pesada e os cerebros leves. O Marquez de Guadalupe conforta e convence as pesadas que querem ir embora. Mme. Olivier (em verde), que jantou no "Ciro" ha muito tempo já, dá o signal da retirada. Tíhamos esquecido completamente que eramos esperados no "Nouveau Bœuf" por outros amigos. Estou no Bar, mas no Bar do "Grand Ecart". Eis aqui Fargue, o Tigre. "Gosto de lyrisimo, diz Fargue a Ravel, que está deixando crescer a barba, — gosto das cousas no momento preciso em que..." não posso ouvir o resto, porque é preciso dançar. Ficámos cinco minutos para tomar um whisky.

Que aborrecimento ter de ficar na porta, à espera que pessoas indecisas se decidam! Recusam... Estará tudo acabado já? Felizmente, Guy Arnoux tem uma idéa. Enquanto isto, no "Perroquet", Edna Covey erra com arte consummada os passos que conhece na ponta do pé. Cabe... Alguem a ergue, consolida-a, uma vez, duas vezes. A terceira, ella ri, a sala ri, o senhor delicado cêra. É um successo. Mas eu não tenho vontade de rir. Onde poderei ouvir canções que me façam chorar? Em "Pile ou Pace" ha negros, e

no Fisher, Cora Madou. "Casanova" me atrahie na escuridão. E a hora do "quart-Vittel". Primeiro até me parece impossivel ouvir Georges, de tal maneira a sua voz divina parece um murmúrio. A decoração dos "cabarets" não tem mesmo importancia alguma; o vidro irizado do "Bœuf sur le Toit", as cornijas classicas e genero Munich do "Maxim's", o tecto estrelado do "Blue Room", o tecto entrelaçado do "Florida", não merecem attenção — o que importa é o systema de illuminación e o relevo extraordinario que tomam certas physionomias pela noite a dentro. É um prazer analysar, ou por outra, sentir o pittoresco, a qualidade peculiar a cada frequentador.

É muito tarde. Comeremos rim frito aqui ou ovos estalados no Quick Lunch?

A Horn, Mrs. Harmsworth (bordadões a ouro) coberta de esmeraldas das Mil e Uma Noites, acha que seria melhor... Psiu!... Lá em cima, nos cafés, Curmons-ky, o principe dos gastronomos, gosta de jogar. Montparnasse vale uma noite inteira. O "Jockey" não é banal, mas a "Jungle" é uma maravilha e a gente se habitua a contar as garrafas. No "Dôme", na "Rotonde" encontra-se gente simples que não vai lá para se exhibir e sim para se dividir. Um pintor de genero, um Toulouse-Saintrec, um Constantin Guys deveriam vir installar-se aqui. No "Select" lembramo-nos de Nandin, o discipulo querido de La Tour, que nos contava tantos segredos, depois de terminar seu curso. A melhor "boite" é na rua Vavin; não sei nem o seu nome nem o endereço exacto, mas o acharia sem hesitar. Ah, tambem, se vê garrafas, placas de vidro, dados, cartas, jogos nas paredes. Ficamos só bastante tempo. Eramos seis e mesmo sem se sentar ao piano Rubinstein nos tornava musicas. Graças a elle comprehendíamos a Polónia e a Lady Abby a Russia. Guardo a lembrança de uma grande luz, de uma grande tranquillidade; tinha desejos de nadar, de mergulhar, de pintar. Testemunhávamos uns aos outros uma confiança, um respeito, um interesse acima do commum. Sentiamos-nos felizes, cheios de mysticismo, iniciados, exaltados, simples.

Parisiense despreocupado e bohemio, é à noite que sabes ver bem...



O CHA' RUSSO NA FEIRA DE AMOSTRAS

O senhor Presidente Washington Luis, o senhor Prefeito Antonio Prado Junior, a senhora Antonio Prado Junior e a senhora Flavio da Silveira no dia da inauguração do Chá em benefício de instituições de caridade e que é servida por senhoritas da alta sociedade carioca.



S O C I E D A D E

O nome de Gilberto Trompowski, artista delcioso e "gentleman" encantador, está no cartaz, como se costuma dizer.

Sabbado passado, sua decoração do "Chá Russo", na Feira de Amostras, provocou os mais francos elogios.

Hoje, a inauguração do "Coq d'Or", após o espectáculo de Milton, vai proporcionar ao artista as mais sinceras manifestações de admiração.

Sabbado proximo, será o baile "Rouge et noir", no Copacabana Palace, o pretexto para mais referencias eloquiasas.

A decoração russa do "Coq d'Or" é qualquer coisa de magnifico. O "bar", cinza e negro, é maravilhoso. A sala principal tem uma vida e um colorido fantastico.

Gilberto, desde aquelle famoso Baile Hespanhol, revelou-se um extraordinario decorador moderno.

Depois, o Rio viu em scenographia, o que de mais bonito se fez no Brasil, na "Feerie Mereveilleuse". Os "décors" de Gilberto deslumbraram a platêa do Municipal.

Como pintor, basta citar o seu "Carnaval da vida", verdadeira obra-prima da arte moderna, que tão grande suc-



A cantora Helena Gorewa, que estrêa hoje no "Coq d'Or", a nova "boite" elegante que foi decorada pelo pintor Gilberto Trompowsky.



cesso alcançou na sua ultima exposição. A decoração do "Coq d'Or", que Balanchine poderia assignar com orgulho, será, hoje à noite, mais um triumpho para o brilhante artista.

A recepção, quinta-feira passada, na residência Frederico Burlamaqui, foi uma verdadeira parada de elegancia. A festa distinctissima compareceram entre outras pessoas: senhor e senhora Cezar Proença, senhor e senhora Vasco Tristão da Cunha, senhorita Cigone Portocarrero, soberbo vestido negro de Madeleine Vionnet, a scintillante senhorita G. Tigre de Oliveira, senhoritas Vera e Hortencia Roxo, senhorita Celina Portocarrero, lindo vestido "vieux-rose" de Lelong, Sonia e Maria Yolanda Burlamaqui, senhoritas Diniz, senhores Joaquim Proença, Paulo Figueira de Mello, Bento Ribeiro Dantas, Frank Swales, José Nabuco, Paulo Bittencourt, etc.

O "Chá Russo", na Feira de Amostras, organizado pela illustre senhora Zuleika de Mayrink, continúa a ser a grande nota elegante do momento.

VICTOR
VICTORINO



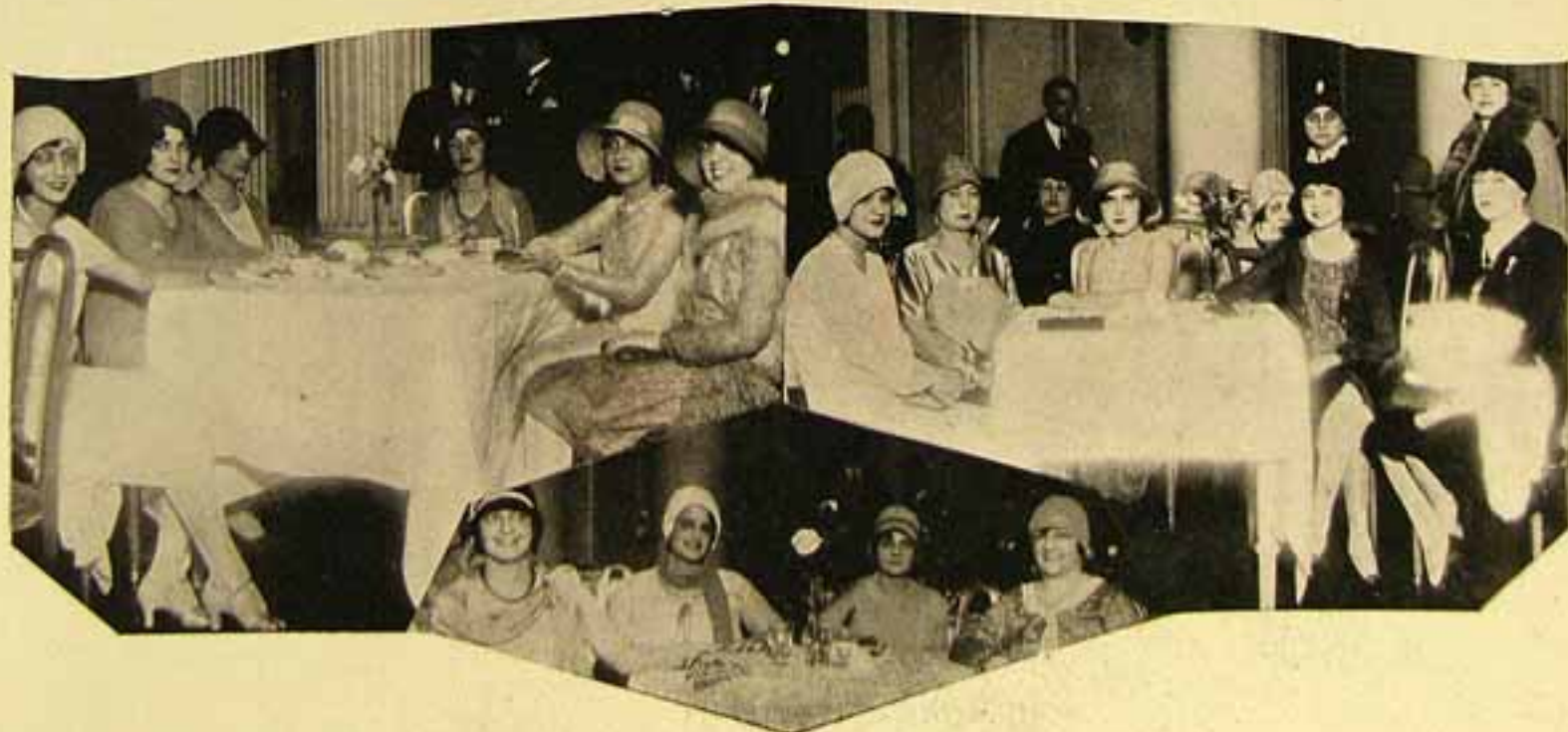
Baile de São João no Botafogo F. B. Club

JORGE DE LIMA está no Rio. Veiu das Alagoas para o Congresso Médico. Mas trouxe um livro novo e a segunda edição (quinto

milheiro) do primeiro livro de Poemas. Jorge de Lima é um brasileiro que conta coisas do Brasil sem se preocupar com versos medidos e rimas interessantes. O êxito dos

seus Poemas no Rio e em todos os Estados desmente os editores que dão entrevistas dizendo que só os livros que não prestam têm leitores...

Chá no Automovel Club do Brasil

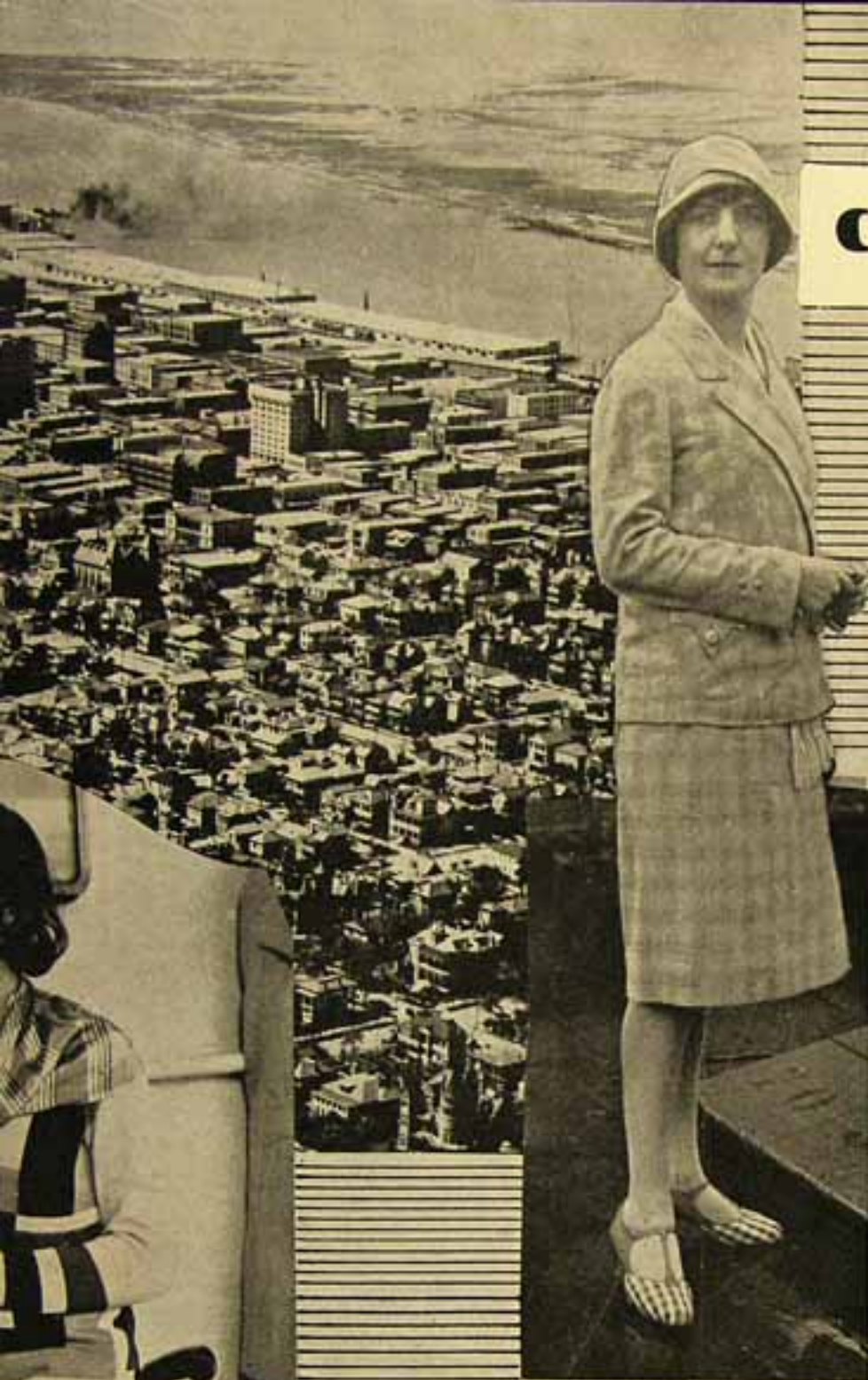


Galveston



Da esquerda: Miss Alemanha, Miss Inglaterra, Miss Austria (hoje Miss Universo), Miss Luxemburgo, Miss França,

Cinco Misses



No centro: panorama
da cidade de Galveston,
que é a Terra Pro-
mettida das mulheres
bonitas.



Saudação a Julio Verne

POR MURILLO MONTEIRO MENDES

Muito obrigado pelas distancias

que você poz na minha vida,

Julio Verne.

Companhia de navegação dos prompts,

piloto das viagens que de tão longe não se acabam.

O mundo começou na capa vermelha dos livros
onde a gente ia da terra à lua, debaixo do mar,

dava a volta aos desejos e ao mundo
e ganhava naquelle bilhete de loteria !

Minha ama secca,

Minha primeira namorada

E Julio Verne.

Fazia um frio naquelles livros

ilum'nados a gaz, convidando ao somno,

e que nevociros bons !

Consolação no internato, porta aberta pro sonho,
palpite do cinema,

Julio Verne, o unico francez que soube geographia
sem chatear a gente !

Tarsila do Amaral vae enfim trazer ao Rio a alegria
immensa de uma exposição de quadros, dos quadros
mais vivos e mais brasileiros da pintura que ella creou
em São Paulo. A exposição de Tarsila será no Palace
Hotel, de 20 a 30 deste mez.



O Lyrico teve uma tarde excepcional, sexta-feira da outra
semana. O theatro, apesar de velho, não veio abaixo com
os applausos que a gente mais intelligente do Rio, deu á
poesia moderna do Brasil, poesia que é a nossa poesia,
das terras e das creaturas, da fala e da sensibilidade de
uma raça que se achou e não quer mais saber de imitações
estrangeiras, poesia que Eugenia Alvaro Moreyra contou.





Em cima e no meio: festa de aniversário do Club Militar com a presença do senhor Ministro da Guerra.



Em baixo: os senhores Octavio Mangabeira e Ismael Montes. Ministro da Bolívia, trocam as ratificações do tratado que encerrou todas as questões entre aquella nação e o Brasil.





Os Escoteiros Brasileiros que foram à Inglaterra estiveram no Ministério da Justiça em despedida ao senhor Vianna do Castello, acompanhados pelos senhores Ignacio do Amaral e Mozart Lago



A equipe do Regimento Naval "Ruth", do Club Vasco da Gama. Um remador do mesmo club, "Mau-ro", do Club Icarahy.



Em baixo, instantâneo a bordo da barca Mocanguê durante as regatas de domingo passado em Botafogo.



MUSICA DE CAMERA

Desenho de Di Cavalcanti

Variações sobre o café



DE MANHÃ CEDO



DEPOIS DO JANTAR

Os artistas de ambos os sexos em viagem artística não se importam de comer mal, de dormir pouco ou mesmo nada, contentam-se de água fria em bacia, resignam-se de boa paz ao ouvir a phrase fatídica: "houve justamente esta manhã um desarranjo no banheiro", deixam a pátria por muitos meses, às vezes annos, resignam-se enfim a tudo, privam-se de tudo... menos de café. Necessidade? habito? Confiança cega nesse tónico, as mais das vezes sem cafeína? Não sei. Pela parte que me toca no tempo em que fazia viagens artisticas, bebi diariamente — e mais de uma vez — o café, quasi sempre pessimo da França e de alguns países estrangeiros. Café da manhã que deixa na chicara uma especie de oleo esverdeado, café-filtro, remate morno do almoço, liquido pallido que embebe o assucar cheio de moscas sem lhe dar cor; café com creme das tres horas, das cinco, das sete, para enganar os estomagos vazio; café-agua que a camareira traz nos intervallos num copo grande e rachado, dizendo: "Só tem um pedaço de assucar, o outro está no pires"; café, enfim, do botequim das estações (o restaurante está ainda fechado), entre uma e tres horas da madrugada, aguado e sem sabor, servido fervendo e com um pouco de alcool.

Nenhuma dessas bebidas era verdadeiramente café; tinham apenas o nome e um vago cheiro amargo, mas o copo e a chicara aqueciam-nos as mãos e o nome magico de café trazia ao nosso pessoal estafado, um pouco de alegria, de optimismo e novas forças. Não sei como não esqueci o sabor do verdadeiro café, ingurgitando tanta droga que de café só tinha o nome! Certas recordações de infancia têm, quem sabe, o valor

e a força de uma educação. A minha primeira iniciação na arte do paladar foi feita por uns vinhos velhos enterrados na areia de uma adega construida na rocha. Quando era menina, minha mãe confiava-me como recompensa, a manivella do torrador de café que todas as semanas perfumava o jardim com sua leve fumaça de um azul vivo, coada pelas folhas da noqueira. Muito creança ainda fiquei sabendo

do que a fava verde fechada no cylindro de folha, requer que a joeirem por sobre os brazas com um rythmo igual. S' uma operação que exige muito cuidado e attenção e durante a qual não se pode ler por exemplo um romance de aventuras...

Torrado até ficar preto, o café fica sabendo a fuligem; verde demais perde quasi todo o aroma.

Hoje é tão raro encontrar-se alguém bastante habil para cessar a torrefacção justo no ponto, isto é, quando os grãos de café, humedecidos pelo seu proprio succo tomam a cor castanha escura, um pouco cinzenta de certos charutos bons!

Dizem que uma boa cozinheira faz mal o café. Não acredito. Não ha tantas boas cozinheiras assim.

Digamos antes que o café é um nectar mal tratado, como o opio em mãos imprudentes, como os bons vinhos pelos glutões.

Lembro-me de cinco ou seis cafés — saudades deliciosas — que me perfumam ainda a memoria.

Bebi o primeiro em casa de Catulle Mendès. Estavamos ainda á mesa quando sentimos um perfume forte e delicioso, apesar das por-

tas fechadas, que vinha misturar-se ao do tabaco. Despejado nas chicaras o café tinha a cor de um topazio escuro que convidava a tomal-o. O poeta mandava que torrassem, todos os dias, um punhado de favas verdes escolhidas num poêle commun. Punham depois para esfriar entre dois pratos fundos que — guardai bem! — nunca se lavavam; conservavam-se assim sempre mornos, escurecidos e com o perfume delicioso do café brasileiro. E' a melhor receita que posso dar aos gulosos ciosos do seu prazer.

Alguns mezes antes de sua morte — que não julgavamos possivel nem ella tampouco — Sarah Bernhardt convidou-me para almoçar. Que dona de casa admiravel, cheia de faceirice infinita! Que desejo, que vontade de seduzir no azul vivo de seu olhar, que orgulho ainda no gesto de suas mãos delicadas! Aquellas mãos de octogenaria quasi não tremiam ao desempenhar sua tarefa habitual; a grande artista preparou ella mesma o café á mesa. Bastou-lhe um filtro de terra escura, com um pedaço de panno, em banho-maria numa vasilha de agatha. O café depois de moído e que ella medira largamente, era igual em finura á areia das dunas. Café fervendo, avelludado, preservativo contra o frio e o calor, contra o cansaço, o desanimo, as mãos illustres que te prepararam nesse dia, quantas vezes buscaram em ti um pouco de conforto!

"Para fazer um café excellente é necessario ser poeta e um tanto doido". Quem é que dizia isto, n'outro dia, despejando, gotta a gotta, a agua fervendo num pote de café de faiança velha e ennegrecida, coberto por um panno já tinto e retinto, macerado e endurecido de tanto coar um café perfeito? Um grande poeta: Hélène Picard.

(C O L L E T T E)



ENLACE LECTICIA
GOULART DE AN-
DRADE- DR. JOÃO
FRANCISCO DE
SOUZA

A NOIVA E' FILHA
DO POETA JOSE' MA-
RIA GOULART DE
ANDRADE, NOSSO
QUERIDO COLLA-
BORADOR





ENLACES: WANDA PAS-
TOR-JUVENAL TOSTES
ALVIM (NO ALTO).
BELMIRA ALVES DE
SOUZA EVENCIO DA

COSTA (NO CENTRO)
AMELIA SIMÕES FREI-
RE CARLOS FARIA NE-
VES (EM BAIXO).



As festas a Jeanne D'Arc

A festa nacional de Jeanne D'Arc, que coincidiu com as festas organizadas por ocasião do quinto centenario da heroína, foi celebrada, domingo ultimo, com um grande fervor na França inteira.

EM PARIS

Em Paris, as cerimoniaes transcorreram em ordem e com a tradicional pompa florida. Houve, porém, este anno, como que um prologo — evocando de modo especial a historia patriótica — ao programma das solemnidades desenhadas com toda a piedade e toda a gratidão da recordação nacional: no angulo da praça do "Théâtre-Français", e da rua "Saint-Honoré", na altura do primeiro andar do prédio numero 163, foi inaugurada uma placa para commemorar o facto de ter sido Jeanne D'Arc ferida ha quinhentos annos, nesse lugar, onde, então, se elevava a muralha e a porta "Saint-Honoré". Foi ali que uma fêxa attingiu a heroína na perna, na occasião em que levava seus soldados ao combate. Às 8 h. 30, o marechal Lyantey que presidia a cerimonia, collocou-se diante da placa; ergueram o véo e appareceu o trabalho do escultor Maximo Real del Sarte que soube, segundo as palavras do Sr. Pierre Taittinger, achar "uma expressão nova e commovedora da physionomia da santa". Junto ao medalhão estão as duas datas 1429 — 1929 e a seguinte inscripção:

"Aqui erguia-se a porta Saint-Honoré", junto á qual Jeanne D'Arc foi ferida a 8 de Setembro de 1429."

Mlle. Jeanne Sully disse a "Ode á Jeanne" de Casimir Delavigne; os Srs. Pierre Levée, conselheiro municipal do Palácio-Royal, Pierre Taittinger pronunciaram discursos, assim como o marechal Lyantey que exaltou as virtudes da heroína, "symbolo eterno das esperanças francezas nas horas tragicas e symbolo perenne da nossa confiança no destino glorioso da patria".

Às 9 horas, na Place des Pyramides, effectuou-se a cerimonia militar symbolica junto á estatua; entre innumeras palmas de flores, destacavam-se as bellissimas corôas offerecidas pelo chefe de Estado, pelo governo da Republica Franceza, pela municipalidade de Paris e pelo conselho geral do Sena.

Realizou-se a parada militar commandada pelo general Leroy, chefe da 10ª divisão de infantaria, presentes os Srs. Painlevé, ministro da Guerra, Tardieu, ministro do Interior, os prefeitos do Sena e Policia, representantes da municipalidade, grande numero de parlamentares e do governador militar de Paris.

Praça de "Saint-Augustin", ás 10 h. 30, depois da missa, monsenhor Jouin, na escada da igreja, abençoou o povo. Em seguida desfilarão as delegações: o grupo dos descendentes

collateraes de Jeanne D'Arc precedia as innumeras delegações nacionaes e catholicas, escoteiros, ex-combatentes, sociedades desportivas, estudantes, associações das provincias com os trajes regionaes, a Alsacia e a Lorena em primeiro lugar e tambem delegações estrangeiras em trajes nacionaes. O desfile das numerosas secções da "Action Française", reunidas no "boulevard Maiesherbes", começou ás 10 horas, seguindo o itinerario que vac de uma estatua á outra. Pela manhã, o cardeal Dubois foi inclinar-se diante da estatua da praça das "Pyramides". Accções de graça foram celebradas pelo cardeal Lénicier em "Saint-Sulpice". Em "Notre Dame", ás 16 h. 30, em presenca do nuncio apostolico e do cardeal-archbispo de Paris, monsenhor Raymond, capellão do exercito do Rheno, fez o panegyrico da santa e salientou o symbolo do seu destino. À noite, foram illuminados os principaes monumentos de Paris.

NO INTERIOR E NO ESTRANGEIRO

No pateo da Prefeitura de Orleans quando o bispo e o clero entregavam á Municipalidade a bandeira de Jeanne d'Arc.

Nos departamentos, a festa nacional de Jeanne D'Arc foi celebrada tambem com cortejos, cerimoniaes religiosas, marchas com tochas acesas, e uma profusão de flores. Em Nancy, constou da festa a inauguração de uma placa commemorativa no palacio ducal, para lembrar que a "Pucelle" esteve em Nancy antes de emprender a sua viagem a Chinon. Em Pau foi inaugurada uma estatua da heroína, esculpida por Maximo Real del Sarte.

No estrangeiro, em honra á santa Jeanne D'Arc, foram tambem celebradas cerimoniaes religiosas em Mogunça; em Londres, na igreja "Notre-Dame de France"; em Praga, na igreja dos Cavalleiros de Malta e em Roma, na de São Luiz dos Francezes.



"Notre-Dame de la Recouvrance"

Ora, na tarde desse dia, que era um sabbado, ultimo dia de Maio, a "Pucelle" a cavallo, reentrou em Orleans, no meio da imensa exaltação de todo o clero e do povo. Depois de um assalto de treze horas, as "Tourelles" estavam tomadas. Pela ponte sobre o Loire, cujos arcos tão avariados tinham sido reparados com toda diligencia na febre alegre da victoria, Jeanne tinha voltado para a valorosa cidade que os Ingleses não haviam conseguido tomar. "Deus sabe com que alegria ella e os seus ahi foram recebidos". No ar tepido do crepusculo primaveril harmonizavam-se todas as vozes da alegria triumphal: hosannas dos sinos, badalando com entusiasmo, fanfarras das trombetas guerreiras, estalidos das resinas incandescentes, incenso caloroso das aclamações e dos clamores de um povo libertado... Cansada do esforço prodigioso que fizera, entusiasmada pela sua recente victoria; cheia de febre da sua ferida da manhã, sorridente, mas pallida, a joven triumphadora media o caminho percorrido. Em quatro dias, tinha acabado com um cerco que durava havia sete longos mezes. Do cerco de ferro e de fogo instaurado pelos Goddons em volta da cidade, quasi nada mais restava. Com que entusiasmo, ella tinha sabido retomar as bastilhas de "Saint-Loup", de "Saint-Jean-le-Banc", dos "Augustins". E havia já algumas horas que a bandeira de S. Jorge não fluctuava mais no forte das "Tourelles". A retirada dos Ingleses era inevitavel. Orleans estava virtualmente livre. Jeanne olhava com afeição esses homens e essas mulheres que ella havia salvo do perigo imminente. Então, dessa multidão, subiu um calor de adoração tal, que sob a armadura ensanguentada no hombro, a virgem heroica pensou que realmente o bom povo francez merecia sacrificios. E, enquanto ella entrava em casa de Jean Boucher para retirar a armadura, ceiar algumas fatias de pão molhadas em agua vinhada e submeter-se ao tratamento que o seu ferimento glorioso necessitava, a

Placa na rua Saint-Honoré



PARIS

A estatua da Praça das Pyramides. Junto a ella, o cardeal Dubois, o general de Castelnau e o bispo de Tarbes e Lourdes.



ORLEANS

A estatua do jardim da Prefeitura. O cortejo historico nas ruas de Orleans.



multidão fremente fazia, silenciosa, um juramento: commemorar, até a mais longuinha posteridade, o anniversario desses instantes e de celebrar todos os annos nessa data, aquella que todos os francezes deveriam venerar sob o nome tão merecido de "Notre-Dame de la Recouvrance d'Orleans".

Eis porque, quando se chega ao setimo dia de Maio, a cidade de Orleans, desejosa de não "peccar por ingratidão, pois, desse peccado nos vêm muitos males", rende graças com devoção á sua libertadora. Durante toda a tarde, de quarto em quarto de hora, o sino da torre toca o signal de alarme para lembrar as angustias do cerco. Depois, do cair da noite, na hora em que a "Pucelle" entrou em grande alegria, os sinos das igrejas e das capellas rep'cam festivamente.

As tropas da guarnição, reunidas nas "Tourelles", no lugar da bastilha inglesa, põem-se em marcha á luz das tochas e, seguindo os passos de Jeanne, os soldados de hoje refazem o itinerario tri-

umphal da heroína de hontem. Prolongando o caminho percorrido por ella, os soldados do 141º regimento de infantaria, os cavalleiros do 8º de caçadores a cavallo, os artilheiros do 30º regimento, chegam á praça "Sainte-Croix" e param ahi, formando fileiras diante da porta central. Então, o prefeito com seus auxiliares — quer catholicos, quer anti-clericales — saem da prefeitura e vão, com toda so'emmidade, entregar o estandarte de Jeanne D'Arc (1) ao bispo de Orleans que se acha na porta da igreja matriz, para onde foi em procissão com todo o seu clero. Os tambores rufam em continência. Milhares de pessoas expandem sua emoção entoando hymnos e canticos. E a sombra imensa de "Sainte-Croix" illumina-se de clarões — seos, desde o chão até o alto das torres.

(1) Este estandarte não é mais o que o pintor Harwes Poulvoir confeccionou para Jeanne D'Arc em 1429. Este emblema glorioso desapareceu no seculo XVI e foi substituido por uma rica bandeira offerecida, em 1855, pelas senhoras de Orleans.

(Conclue no fim da revista)

Na igreja Saint-Denis de la Chapelle





O Ministro Helio Lobo pronunciando a sua conferencia sobre as "Tarifas estrangeiras e a politica commercial do Brasil" na Associação Commercial de São Paulo.

E M S Ã O P A U L O

Grupo tirado no salão de honra da Associação Commercial de São Paulo depois da conferencia do Ministro Helio Lobo.



Espiritos de aluguer

Essa especie de gente cavilosa
Que incondicionalmente, sem cessar,
A defesa dos grandes sempre espôsa
Pelo prazer passivo de adular;

E que na fraude enxerga vêsamente
Justiça e probidade, em vez de fraude,
E, da elaque comparsa impenitente,
A todos os mandões servi, applaude;

Não tem da Vida mais do que a materia,
Pois que no mundo é seu mesquinho fado
Conduzir, qual se fosse urna funerea,
O proprio brio cadaverisado !

Em lisonja e zumbaia se sublima,
Os valores precarios trombeteando
De qualquer nullo que o olhar de cima,
Por força de desdém, riqueza ou mando.

E vive morto nessa falsa vida
De escravo do Poder e do Dinheiro,
Aquelle que não sabe que na Vida
O corpo é o que nos morre derradeiro !

G I L B E R T O D E A N D R A D E



No Parc Royal, quando o senhor Vasco Ortigão fez entrega ao thesoureiro da Casa dos Artistas do cheque de 20 contos, producto da porcentagem da venda festival. Em baixo, no escriptorio da casa Daudt, Olveira & Cia., quando foi feito o sorteio do concurso do Almanach d'A Saude da Mulher.



A jornalista hungara Ariel Fry, redactora do Jornal Hungaro que circula no Rio e em São Paulo, escriptora interessantissima que faz chronicas que são poemas. E' uma grande amiga do Brasil e dos brasileiros. E é uma hospede bonita, que a gente deseja que se demore muito.

A mudança dos escriptorios do "O Malho"

Tendo a firma desta praça Alexandre Ribeiro & C'a feito vantajosa proposta pelo resto de contracto do predio que occupamos á Rua do Ouvidor, 164, e que resolvemos aceitar, communicamos aos nossos annunciantes, agentes e leitores que, dentro em breve, teremos que mudar os nossos escriptorios. As officinas, porém, como a Redacção das diversas revistas da Sociedade Anonyma "O Malho", continuarão no edificio proprio, á Rua Visconde de Itaúna, 419, onde sempre estiveram.

Outrosim, fazemos sciente á praça e ao publico em geral, que a Sociedade Anonyma "O Malho" nada deve — vencido, ou a vencer-se — não tendo, portanto, passivo.

Aproveitamos este ensejo para communicar, ainda, que aceitamos proposta para compra de um predio no centro da cidade, no perimetro comprehendido entre a Rua Buenos Aires e a Rua do Passeio e entre a Rua 1ª de Março e a Aven'ida Passos.



O HOMEM CACETE

QUANDO Ewaldo lhe falou em amor, o homem teve um sorriso de descrença e sentiu um incontido desejo de explicar áquelle rapaz inexperiente o que era a vida. — Olhe, meu amigo, ter experiencia é descrever de tudo neste mundo. De amor, de homens e de mulheres. Principalmente de mulheres...

Tossiu uma tosse grossa e continuou convicto:

— Este mundo está cheio de misérias. Já passei por todas ellas e fiquei conhecendo com exactidão o lado pôdre da vida. Sei que é preciso passar por tudo, que ninguém pôde viver sem ter tido muitas illusões, sem ter amado muitas mulheres, louras e morenas, imaginarias e reais... Quanto mais imaginária é a mulher, tanto menos mal nos causa. Porque eu acho que possuir é matar o encanto. Tudo passa, tudo se anniquila. Tudo nesta vida, principalmente o amor facil, sem compromissos senão pecuniarios, afinal esse amor de que você me fala, é uma concepção vertiginosa e louca do espirito.

Ewaldo olhava o copo, ingenuamente embaraçado. Sentia-se como que sózinho deante daquelle homem.

— Sujeito cacete!

Olhou em roda as mesas alinhadas e repletas.

De repente, na onda de bohemios que entravam, viu uma cara de mulher conhecida. Mas não era Martha.

O homem cacete se entretinha agora a estraçalhar com o indicador o rótulo de uma garrafa.

Ewaldo, alheado, reparou-lhe então, longamente, no perfil de aguilão. Notou-lhe primeiro o nariz grande e recurvo, depois a barba irritada.

E, sem que soubesse porque, sentiu-se sympathisado. Sabia, entretanto, que lidava com um desses filantes de cerveja

e de dez pilas para saldar pequenos compromissos imaginários. Mas não fazia mal, coitado! era um bohemio como todos...

Quiz, então, por camaradagem, reatar o assumpto:

— Sabe? Estou aqui á espera de uma pessoa...

O outro arregalou os olhos, entendido do negocio.

Já tinha adivinhado. Uma mulher, não é mesmo?

— E?

E riu, quasi desapontado.

Pediu licença e foi até lá dentro, já meio trôpego, e sentindo-se enjoado. O estomago parecia querer saltar-lhe pela bocca.

— Mas, diabo, por que Martha se demora tanto?

Tinham combinado encontrarem-se no bar, ás dez horas e já eram quasi onze.

— Ella virá?

Apoiou a cabeça no azulejo frio da parede e ficou scismando. Sentia-se bem assim, achava agradável o frio na cabeça. Procurou uma posição melhor: com a testa bem encostada. Agora... O enjôo até passára.

Coisa exquisita! Quando bebia, lembrava-se sempre daquelle phrase effectiva e irritante, de Martha:

— Você é ingenuo, Ewaldo!

Riu offendido e desapoioou a cabeça do azulejo.

— Ingenuo nada!

Depois pensou:

— Martha conhece todos os vícios e todos os homens deste Brasilão...

A phrase chicoteou-lhe os ouvidos, numa aggressão ao seu amor proprio:

— Todos os homens...

E reconstruiu, mentalmente, o corpo della. Uns seios muito pequeninos e empinados... uma bocca muito miuda...

Era mesmo uma mulher differente das outras, não havia duvida.

Depois, menos optimista, considerou:

— Sempre assim, differente das outras. Differente o que!...

Agora, abstracto, lembrava-se. Uma noite, quando entrara no quarto de Martha, encontrára-a sentada na cama, a costurar um vestido que lhe rasgára na vespera. Reparou-lhe longamente no perfil triste e abatido. Tinha um narizinho de "viuva alegre" que era mesmo uma boniteza. E, depois, uns olhos...

Elle não pôde resistir. Alcançou-lhe a bocca num beijo exaggerado que lhe punha arrepios em todo o corpo.

— Você é linda!

Mas largou-a logo, desapontado. Ella, fria, não correspondêra á quentura do beijo. Parecia uma boneca de pedra.

Ewaldo riu, com odio. Tinha um desejo incontido de sahir para a rua e de mandar aquella mulher para o inferno.

— Que historia é essa, hein?

Martha ficou quieta, sem responder, com uma tremura inconsciente nos labios. Elle, então, teve dó e perguntou-lhe ternamente, escoregando os dedos nos seus braços roliços:

— Você está doente, não está?

Martha alongou os olhos tristes para elle e teve "um não" quasi irritante. Pela primeira vez Ewaldo sentiu que seria capaz de esbofetear uma mulher. Teve ganas de crisar os dedos naquelle pescoço de cysne, apertar... apertar...

— Eu não comprehendo essa mulher!

Mais calmo, foi debruçar-se na janelã. Ficou olhando a noite, alheado. Reparou que o luar dava uma côr leitosa e linda na parede caiada. Depois, numa estrellã, lá muito no alto, que parecia mais vermelha do que todas...

Longo tempo scismou na estranha attitude de Martha. Mas não achava uma explicação, as idéas turbilhavam-lhe na cabeça, sem sahida, concentradas no indecifrável.

(Termina no fim da revista)

J U A R E Z
F E L I C I S S I M O

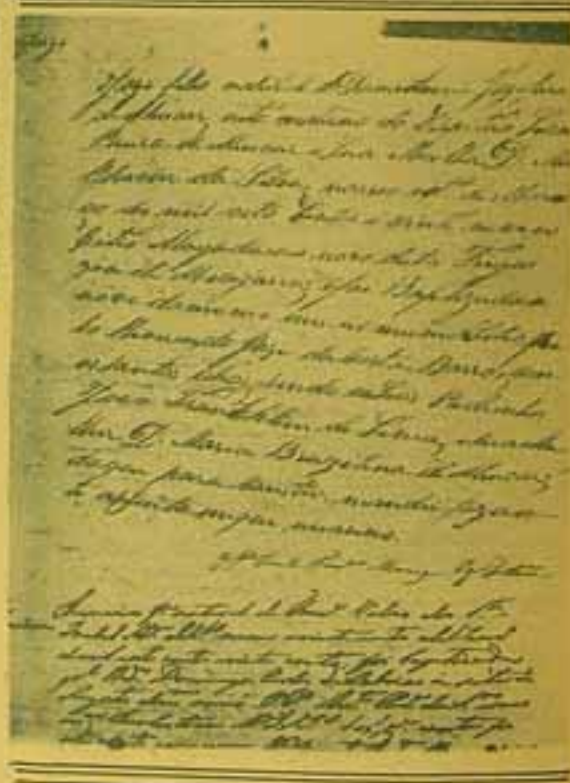


O monumento a José de Alencar, inaugurado em Fortaleza, no Estado do Ceará; junto ao imponente trabalho estão Humberto Cozza, escultor e Gilberto Câmara, promotor da ereção da estatua.



No Alagoinço-Novo, em Mecejana. A casa que se vê na gravura foi o berço de Alencar. Hoje é uma Escola que tem o nome do autor de "O Guarany".

A certidão de baptismo do grande romancista.



De Elegância



ESQUINA de Ouvidor páro a comprar um jornal, quando o meu amigo X., que eu já avistára de longe, aproximou-se de mim. Reparo que não vem só. E não é demais que isso se dê.

— Casualidade felicíssima — disse-me elle.

Ao que retorqui eu:

— Sempre superlativando.

— E a minha amiga cada vez mais seductora.

— Se eu lhe respondesse que é incorrigível, diria de prompto outra amabilidade. Não terminariamos, assim, o rosário.

— Está de chapéo na mão. Ponha-o, de novo, á cabeça e não se esqueça de apresentar-me ao seu amigo.

— O meu companheiro...

— Isso de companheiro e companheira, parece coisa de comunista?

— Está você a querer commental-o numa tarde tão doce, de tão suave temperatura, de céu tão azulado. O nosso encontro, minha doce amiga...

— Está a egualar-me á tarde?

— ... é providencial. Você entende das cousas da moda. Eu e o meu camarada...

— Camarada também é de comunistas. Diga amigo.

— Não perco vaza para agradar ás mulheres em geral e á minha dilecta amiga em particular. Cedro: o meu amigo e eu vinhamos observando que as mulheres que nos parecem elegantes não vestem mais as mangas dos casacos. Atiram-nos por cima dos hombros. Não resta duvida que é "chic". Mas não creio que seja assim, tão pratico. Explique-nos, favoreça-nos a natural curiosidade com os seus conhecimentos do caso.

— Explicar porque as mulheres deixam pendentes as mangas dos casacos que foram feitas para ser enfiadas nos braços? Nada mais facil. Isso não obedeceu á regra da mais conceituada casa de Paris, nem, talvez, ao gesto de uma artista de cinema. E de suppor que, por pressa, ou por "nonchalance", alguém atirou a capa aos hombros. Veiu á rua ou appareceu, assim, no theatro. Não ficava nada mal. Muito pelo contrario. Gostaram as outras da innovação que suppuzeram decreto da moda. Copiaram. E hoje é o que se vê: poucas vestem as mangas do casaco.

— E por que não os fazem sem mangas?

— Medida economica? Mas é que ellas preferem mostrar que lhes não falta panno para mangas.

Passa por nós "Miss" Bahia. E passa socegada, sem os apertos e sem despertar a curiosidade que um mez a n t e s despertava. Sorri-nos com os seus dentes muito brancos e muito meídos. E, embora as manifestações publicas á belleza sempre envaideçam as mulheres, tive a impressão que Nair Pedreira de Freitas estava bem contente de passear sem os atropelos e a grita que a notoriedade do bello physico feminino provocou.

Logo depois, Bastos Tigre. Diz-nos algumas palavras amaveis. E eu aproveito o encontro e lembro ao humorista que me deve um "interview" para a minha secção "De Elegancia".

— Suppoz que já tivesse parado com isso.

— Não. Tive, apenas, de fazer pequena interrupção. Ainda ha muito que dizer, ou melhor, ainda ha muita gente para dizer cousas interessantissimas sobre a moda. E o meu amigo dirá tambem com muita graça.

— Lisonjeira.

— Um pedido...

— Vamos lá.

— E que principie Bastos Tigre a série de considerações que eu pretendo encaixar nesta pagina, sobre tintas...

— "Maquillage"?

— Não. As que tingem os tecidos. Concorde?

— Está feito.

Partiu elle. E eu, que tinha de ir á recepção de Elôra Possólo, ao "cocktail champagne" que ella offercia, no Gloria, á imprensa, tratei de interessar o meu amigo X:

— Vamos... Elôra Possólo escreve no "Globo" e vai dar-nos, hoje, á tarde, o prazer de ouvir-lhe os versos de "Alma Serena" e a prosa de "Sinceridade e Ironia".

— Tudo isso é muito agradável. Mas não vou.

— Não vai por que?

— Affazeres.

— Não tive essa impressão quando o encontrei com o seu companheiro.

Sorriram-lhe os olhos expressivos, e elle falou:





— Ah! está o impasse. Apresentei-lhe o meu companheiro. Você diria, apresentando-me aos seus conhecidos: o meu companheiro, X?...

— Demonio!...

E seguí, sózinha, a sorrir da tirada do meu amigo e a pensar que elle, decerto reparára que eu estava como as outras, de capa por cima dos hombros e mangas fóra dos braços...

Os figurinos de hoje: um "manteau" para tres vestidos. O "manteau" é de popeline "beige", guarnecido de recortes, tom sobre tom.

O primeiro vestido é de crêpe setim "beige" e recortes da parte fôscas do panno.

O segundo, de lã "beige"



salpicada de vermelho e cinto de couro vermelho.

O terceiro, de crêpe estampado "beige", vermelho e azul.

Secção de agulha:—Grosso bordado "Richelleu", para almofada, caminhos de mesa, "abat-jour", etc.

Linho grosso e linha lustrosa para o festonado.

Na proxima chronica: notas de A. Dorét.

As mais lindas rendas e ricas pelles: da "Casa Machado".

SORCIERE



Juramento da farda dos alumnos da Escola de Instrução Militar 281, do Gymnasio Moura Santos, em São Paulo. — Ao centro, Yolanda Amaral, madrinha do Tiro, filha de Amadeu Amaral, que está ao lado.

Si cada socio enviasse á Radio Sociedade uma proposta de novo consocio, em pouco tempo ella poderia duplicar os serviços que vae prestando aos que vivem no Brasil.



...todos os lares espalhados pelo immenso territorio do Brasil receberão livremente o conforto moral da sciencia e da arte...

RUA DA CARIOCA, 45 — 2º Andar.

A ESCOVA PARA CÃES

SOR



Guarnecida do Equilo SOR n. 3

LIMPA O PELLO

Evita os banhos sempre perigosos.
Mata as pulgas, carrapatos e demais parasitas.

Depositaros para o Brasil:

ANTONIO J. FERREIRA & CIA.

27 — Rua Urugayana — Rio



LEITURA PARA TODOS

Um magazine mensal que publica um pouco de tudo e que, portanto, a todos interessa, sendo o preferido dos viajantes pelas suas lindas novellas.



MINIATURA DA CAPA D'"O MALHO" DE HOJE

O homem cacele

(Conclusão)

De repente, Martha chamou-o, afflicta:
— Olhe, Ewaldo, venha ver! Venha ver!

Tinha uma supplica na voz.

Elle se voltou amuado. Não queria ver nada, ora boas! Ella, porém, insistia, chorosa. Estava agora deante delle, pallida, quasi sem poder falar, mostrando-lhe a mão. A agulha, com que costurava, tinha-lhe atravessado o indicador de lado a lado.

Então, uma onda de ternura apoderou-se de Ewaldo. Tomou a mão de la nas suas e retirou a agulha de um arranco, nervoso.

— Você é forte, hein?

Com a bocca sugou-lhe o ferimento, de onde reumava uma rubra gotta de sangue.

Ella estava calma, somente o sangue parecia assustal-a.

— Exquisito! Não senti a menor dor... Nada, nada!

— Não pôde ser, Martha!...

Ella ria camarada.

— Quer vêr?

Pegou na agulha e golpejou muitas vezes o dedo, com firmeza. Estava com a physionomia impassivel, mas tinha medo de olhar o sangue.

Ewaldo ficou pasmado e surpreso. Fixou os olhos nos della.

— Não cre'o... Deixe vêr.

Examinou-lhe os ferimentos com o interesse de um medico. Depois, quiz tirar uma prova em si mesmo. Tomou a agulha, meio ensanguentada, e feriu fundo a palma da propria mão.

Mas teve um grito horrivel, de dor.

Accendeu um cigarro e voltou para a mesa como um sonnambulo. Sentia-se angustiado e irritado.

O outro tinha ped'lo mais uma garrafa de "whisky" e parecia estar bebado, olhando o vacuo.

— Não bebe mais?

Ewaldo estendeu a mão, procurando o copo.

— Puro... Pôde encher. Gosto de "whisky" puro.

A orchestra deu os primeiros accordes de uma musica conhecida.

Não havia duvida: Martha não vinha. Agora, acompanhava a musica em surdina!

Mi chiamano Mini
ed il perché non son.

— Lindo!

O outro, como que acordon, achou lindo também, por camaradagem.

— Já assisti isso no Municipal do Rio. A opera mais bella de Puccini, não acha?

— Falar verdade, meu caro, eu nunca a assisti. Sei esse trecho.

Olhou em redor como que procurando alguma coisa.

— Sei esse trecho por causa de Martha. Ella canta sempre. Uma verdadeira mar'a...

LEIAM

Espeelho de Loja

de

ALBA DE MELLO

nas livrarias

O homem arregalou os olhos e tirou o copo da bocca.

— Martha? ! Uma italiana que chegou ha pouco de São Paulo?

— Essa mesma. Por que? Você a conhece?

— Não sei... pôde não ser a mesma... acredito que não seja a mesma.

Ewaldo achou graça naquella embaraço.

— Martha Morelli, é essa?

Virou meio copo de uma vez e olhou o homem: elle estava pallido e tinha um rictus de espanto na bocca.

— Essa mulher!... Você não sabia? ! Você não sabia? !

Ewaldo sentiu seu amor proprio offendido. Teve até uma ponta de ciúme.

— Sabia o que, homem?

O outro fez menção de levantar-se.

— A policia suspeitava della... Foi presa hoje e submettida a exame medico: morphetica, declaradamente morphetica. Já fez muitas victimas, por crueldade, a bandida!

Ewaldo cravou os olhos nos do homem. Viu duas caras, uma como que fundida na outra. Depois, num esforço enorme procurou concentrar as idéas. Lembrou-se vagamente da noite em que Martha golpeára a propria mão com a agulha, sem sentir a menor dor. E aquella mesma agulha...

Mas tudo se embaralhou na sua memoria e elle cahiu de cara na mesa, literalmente embriagado.

Maio de 1929.

JUAREZ FELICISSIMO

(Especial para o "Para todos...")

Amor e sonho

(Conclusão)

por elle que jámais acreditaria no seu amor. Teve noites de insomnia, de cruel tortura, em que reflecta na possibilidade do seu casamento com elle. Que seria preferivel? Ficar com Carlos, embora elle a cada momento sentisse ciúmes de todos os homens fortes e perfectos, ou abandonal-o para lhe evitar este soffrimento? Finalmente resolveu: iria ter com o ente querido, dizendo-lhe o quanto o amava. Numa tarde de Maio ella foi á casa de Carlos e lá o encontrou pallido e abatido. Quando viu Dulce, a expressão do seu olhar se tornou dura — vão esforço para esconder a humilhação que sentia.

A moça apparecia deliciosa de mocidade e belleza, e foi apaixonadamente, com o orgulho do seu amor, que ella lhe disse:

— Carlos, se você ainda me ama, eu serei a creatura mais feliz, se me accitar como sua mulher.

— S'm, Dulce, amo-te, mas não tenho este direito; assim o maior bem que me podes fazer é não te preocupares comigo.

Falara com amargura, senão com desespero, mas Dulce tomou-lhe a mão, segurou-a fortemente e respondeu-lhe com firmeza:



**Esmalte - Creme -
Água de Colonia
Gaby**

**Premiado no estrangeiro,
Rio e S. Paulo.**

CASA Eritis

 Telephone 1313 Central
 RUA URUGUAYANA, 78

 Especialidades em:
 POSTIÇOS INVISÍVEIS
Mise-en-plis, ondulações
Massagens,
Cortes de cabellos.
Cabelleireiros de Senhoras

 ONDULAÇÃO
 PERMANENTE
 POR ESPECIAL-
 LISTAS,
 GARANTIDA
 8 MEZES.

Desde 100\$

 APLICAÇÕES
 DE HENNÉ
 EM TODAS AS
 CORES.

Desde 25\$

 Offerecemos as maiores garantias por ser nossa
 casa a mais antiga e a mais importante do Brasil.

 COMO TER LINDAS
 UNHAS

**ESPECIALIDADE DA
 CASA ERITIS**
 Seis perfeitas Manicures para
 Senhoras.

 — Carlos, juro pela minha
 mãe, que o amo com todas
 as forças e que, se você não
 me quer, procurarei a morte.

 Carlos comprehendeu a fir-
 meza da sua resolução; ven-
 turoso, pelo menos neste mo-
 mento, tomou-a nos braços
 e beijou-a nos lábios.

 Finalmente Dulce era feliz:
 o seu sonho de amor se con-
 vertera em realidade, e esta
 realidade já mais deixaria de
 ser um sonho. E por que?
 Graças á desconfiança que
 elle teria por ella, graças ao
 medo de a perder que o per-
 seguiria sempre, o seu amor
 conservar-se-ia atravez dos
 annos, tão bello e immenso,
 como neste momento.

 ■
 PARANAENSES !

 Lêde a magnifica edição de
 Junho da

 ILLUSTRAÇÃO
 BRASILEIRA

 dedicada exclusivamente
 ao grande Estado do Paraná.

A' venda nos jornaleiros

 ■
**Poema pra
 desconhecida
 que passou**

 Tu passaste pela minha vida
 como uma visão de luz!...

 E eu esperei que o seu olhar
 se repetisse...

 E eu esperei que o seu sor-
 riso de novo desabrochasse...

 E eu esperei
 o seu Amor...

 ...o seu Amor que nunca
 mais me veio!...

ARCEIRO MYRÊA.

A mudança dos escriptorios do "O Malho"

Tendo a firma desta praça Ale-
 xandre Ribeiro & Cia., feito vantagio-
 sa proposta pelo resto de contracto
 do predio que occupamos á Rua do
 Ouvidor, 164, e que resolvemos accei-
 tar, communicamos aos nossos an-
 nunciantes, agentes e leitores que,
 dentro em breve, teremos que mudar
 os nossos escriptorios. As officinas,
 porém, como a Redacção das diver-
 sas revistas da Sociedade Anonyma
 "O Malho", continuarão no edificio
 proprio, á Rua Visconde de Itaúna,
 419, onde sempre estiveram.

Outrosim, fazemos sciente á pra-
 ça e ao publico em geral, que a Socie-
 dade Anonyma "O Malho" nada de-
 ve — vencido, ou a vencer-se — não
 tendo, portanto, passivo.

Aproveitamos este ensejo para
 communicar, ainda, que acceitamos
 proposta para compra de um predio
 no centro da cidade, no perimetro
 comprehendido entre a Rua Buenos
 Aires e a Rua do Passeio e entre a
 Rua 1° de Março e a Avenida Passos.

Philosophia

— Eu bem sabia que o mal
 havia de vir. Que fazer? —
 O coração não é uma força
 que pensa. É a fibra que
 sente. O caso, Sr. delegado,
 eu lhe conto assim: Eu não
 gostava do homem da clari-
 netta. Não gostava, porque o
 homem vivia se gabando de
 que era feliz... E o era mes-
 mo! Mas, de uma felicidade
 tal que chegava a ser inso-
 lença! Ora, eu sou humana-
 mente imperfeito. Ou, como
 queiram, um monstro. Por
 isso, nunca pude perdoar-lhe
 o ser escandalosamente opti-
 mista, quando a minha vida
 amargava de perfúrias. My-
 riam, a minha filhinha, era a
 scintella de sol que illumina-
 va a minha alma barbara.
 Morreu. Morreu com ella a
 razão de ser da minha vida.

Perguntei a mim mesmo:
 "Folha secca, que fazes pela
 estrada...?"

Vae ver como a sorte é de
 uma ironia feroz; justamen-
 te, nesse dia é que vou en-
 contrar o homem da clari-
 netta. Elle não disse nada. Lá
 isso é verdade, Sr. delega-
 do. Não disse nada! Mor-
 reu, surpreso de que ia mor-
 rer...

Todavia, não era um insul-
 to, aquella sorte vadia em
 face da minha dor!?

DIVA NOGUEIRA.

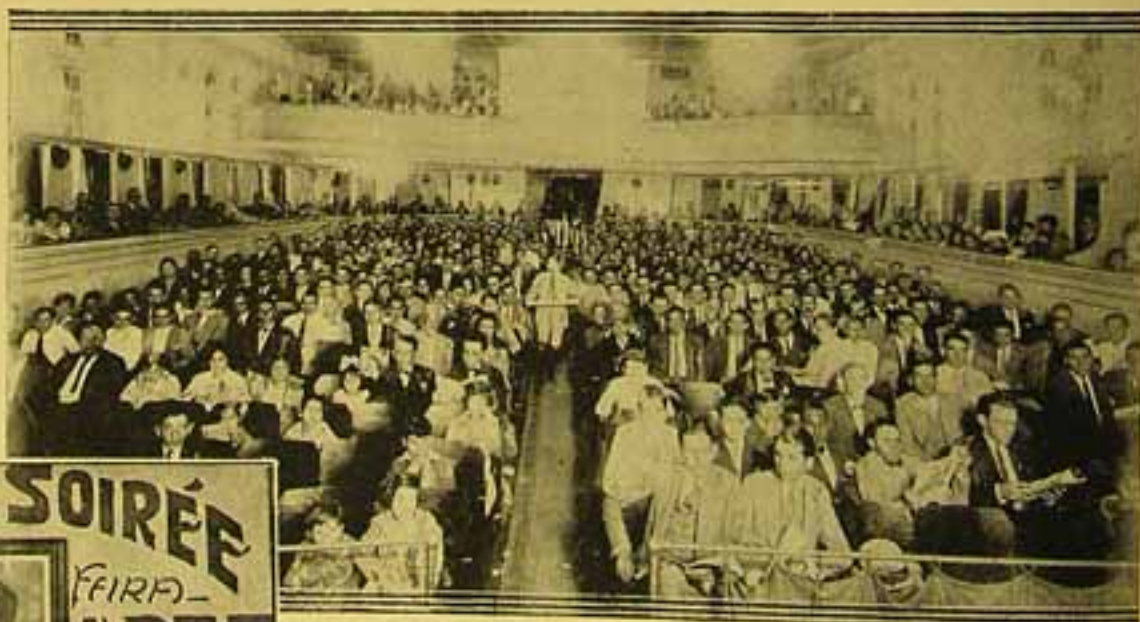
“Cinearte” em Batataes



A sessão do Santa Helena em homenagem a “Cinearte”



A senhorita Mandi Dai Sacco, que ganhou o quadro, original da capa de “Cinearte”, sorteado no Santa Helena, ladeada pelo sócio gerente do mesmo teatro, senhor Adelino Simioni, e o representante da Sociedade Anonyma “O Malho”, senhor Oscar A. de Melo Moraes.



Outra sessão em homenagem á nossa revista, e também ao Santa Helena.



OS CRAVOS DEIXAM O CAMPO

Um remédio de efeitos francamente instantâneos contra os horríveis pontos negros, a graxa e os amplos póros gordurosos do rosto, foi descoberto recentemente, e na actualidade, é empregado no "boudoir" de toda dama inteligente. É um remédio muito simples e tão agradável como inofensivo. Ponha-se em um vaso de água quente uma tablete de stymol, substância que é fácil adquirir em todas as farmácias. Assim que tenha desaparecido a effervescência produzida pela dissolução do stymol, lave-se o rosto com o líquido obtido, empregando uma esponja ou um pano macio. Enxugue-se o rosto e ver-se-á que os pontos do pygmento negro abandonaram seu ninho para morrer na toalha e que os largos póros gordurosos desapareceram, borrando-se como por encanto, deixando o rosto com uma cutis lisa e suave e de uma admirável frescura. Este tratamento tão simples deve ser repetido umas quantas vezes, com intervallos de quatro a cinco dias, com o fim de lograr resultados de caracter definitivo.

As festas a Jeanne D'Arc

(CONCLUSÃO)

Este anno, porém, quizeram reconstituir a volta triumphal do 7 de Maio de 1429. Uma reconstituição historica é sempre coisa delicada e perigosa. Parece quasi sempre uma mascarada deploravel, um cortejo de Carnaval. Nada disso aqui. Cercada de archeiros, de soldados armados de pique e de artilheiros de bella apparencia, precedida de longas tubas tocando fanfarras antigas, seguida pelo Bastardo de Orleans e por outros rudes capitães, eis que surge, montando um cavalo branco enfeitado de flores de lys, a mais surprehendente e radiante evocação da "Pucelle" que se pôde imaginar. Depois de tantas Jeanne D'Arc vulgares ou feias, cabotinas ou velhas, eis-nos enfim apresentada a heroína dos nossos sonhos, sob os traços de uma moça de dezessete annos, Mlle. Nicole Chavane de Da'massy, que se prestou este anno a incarnar aquella de quem é encantadora descendente. Graças lhe sejam dadas! Aquelles que viram surgir, nessa noite estrelada, nas ruas profusamente illuminadas, por entre acclamações de um povo inteiro, essa appareição magica, jámaiz esquecerão esse instante.

Quanto a mim, subitamente mais moço de cinco seculos, encontrei de repente a velha palavra com que foi saudado outr'ora o cortejo e gritei: "Natal! Natal!" — com que fervor comovido — diante da guerreira pallida e sorridente.

Noite admiravel de 7 de Maio de 1429, em que os Ingleses abandonaram todas as bastilhas de Orleans! E ao despoitar o dia, Orleans estava livre e a França salva. Da sua torre de Saint-Pierre-Empont, os vigias viram desaparecer na luz livida da madrugada, os vencidos apavorados.

Jeanne, avisada, corre á porta Renart. Já os homens d'armas, fazendo abrir as portas ao nascente, formavam em

companhias fóra da cidade para perseguir os fugitivos. A "Pucelle", porém, detem-nos: "Em nome de Deus, já que elles vão para a sua patria, deixemol-os ir. Não os persigam mais".

Ah! como ella é bem nossa! Como incarna bem a nossa França, esta guerreira tão humana que, victoriosa, não se quer aproveitar da sua victoria e, depois de ter declarado aos invasores: "Eu não os odeio, mas voltem á sua patria", acha inutil, tendo-os em seu poder, aniquilal-os por comp'eto!

Assim procedeu Foch, cinco seculos mais tarde.

E, no dia seguinte, "partiu a "Pucelle" e foi ao Rei dar-lhe noticias do seu nobre trabalho", termina o Diario do Cerco.

"Antes, porém, despediu-se dos habitantes de Orleans, que choravam de alegria e agradeciam-lhe muito humildemente, offerecendo suas pessoas e seus bens á sua discreção. . . "o que ella agradeceu com muita bondade". As despedidas tiveram lugar durante uma procissão improvisada pelo entusiasmo popular. Nas igrejas, onde a cidade inteira tinha ido dar graças aos Céus pela sua libertação, formou-se um cortejo immenso que, pelas ruas e pela ponte de arcos mal seguros, alcançou as "Tourelles" ainda incendiadas. Jeanne estava entre a multidão, vestida com uma simples totta de malha, pois o seu fermento da vespera, muito grave, não lhe permittia vestir a armadura. Melhor que a multi-

SEIOS

DESENVOLVIDOS.
FORTIFICADOS e
AFORMOSADOS

com A PASTA RUSSA, do DOUTOR G. RICABAL. O unico REMEDIO que em menos de dois mezes assegura o DESENVOLVIMENTO e a FIRMEZA dos SEIOS sem causar damno algum á saúde da MULHER. "Vide os attestados e prospectos que acompanham cada Caixa".

Encontra-se á venda nas principaes PHARMACIAS, DROGARIAS e PERFUMARIAS DO BRASIL.

AVISO — Preço de uma Caixa, 12\$000; pelo Correio, registrada, 15\$000. Pedidos ao Agente Geral J. de Carvalho — Caixa Postal n. 1724 — Rio de Janeiro. Depósito: Rua General Camara n. 225 (Sobrado) — Rio de Janeiro.

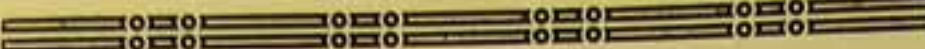
dão, cujas acclamações sem fim acalentavam seu cansaço e seu padecimento, a virgem divina sabia bem o alcance dessa libertação, sabia que Orleans nas mãos dos Ingleses, o resto do reino ficaria muito prejudicado. Entretanto, em vez de se abandonar ás delicias do triumpho, ella já pensava no seu proximo empreendimento: "Fazer com que o Rei fosse coroado e sagrado em Reims".



Mais ainda que o "Natal! Natal!" do povo de Orleans, ella ouvia o chamado imperioso das suas Santas: "Vae, filha de Deus! Vae, vae, vae!"

Orleans nunca o'vidou essas horas inesqueciveis. Enquanto que em toda a parte, Jeanne D'Arc, depois do supplicio de Rouen, era esquecida pelos seus compatriotas, a sua memoria foi sempre venerada na cidade que ella libertou.

Renovava-se sempre, na data anniver-saria, o piedoso agradecimento de 8 de Maio de 1429. No anno seguinte ao do levante do cerco, a cerimonia improvisada antes na febre da victoria, foi organizada. "Uma procissão foi ordenada para o oitavo dia de Maio, devendo ir até os "Augustins" (perto do forte de "Tourelles") e passar no local de todos os combates". Os doze procuradores da cidade, Haveria sermão em "Sainte-arnas da cidade. As reliquias das igrejas seriam carregadas, principamente as de monsenhor Saint-Agnan e Saint-Euverte, "que foram guardas e protectores da cidade. Haveria sermão em "Sainte-Croix", para onde se voltaria. "Que seja continuada esta santa procissão e que nunca seja abandonada!" era o voto do bom chronista que havia sido testemunha do cerco na sua mocidade e que, já velho, relatava esse cerimonial. Este desejo se realizou. A procissão da libertação de Orleans de que se commemora hoje o quinto centenario, é uma das poucas festas da longinqua Idade Media que chegaram até nós. Em 1562 a tradição foi interrompida pelos calvinistas, senhores da cidade, e mais tarde pela Revolução. Supprimida em 1793, depois de ter sido destituída de todo e qualquer character religioso dois annos antes, a procissão secular foi restabelecida em 1803 pelo Primeiro Consul que acompanhou a sua decisão com estas palavras lapidarias: "A illustre Jeanne D'Arc provou que não ha malgre impossivel ao genio francez quando a independencia nacional



PHONERGINA
SILVA ARAUJO

PHARYNGITE
ANGINA
TOSSES
ROUQUIDÃO

A BASE DE OXYGENO NASCENTE - EUCALYPTO - MENTHOLADAS



AGUA INGLEZA
SILVA ARAUJO

FALTA DE
 APPETITE
 IMPALLUDISMO
 CONVALESCENÇAS

ANTI-GRIPPAL

ANTI-FEBRIL

X

AROE ou VINHO LODO TANNICO
PHOSPHATADO SILVA ARAUJO
Substitue o Oleo de Fígado de Bacalhau
LYMPHATISMO — RACHITISMO

DOSE: 1 CALICE ÀS REFEIÇÕES — CRIANÇAS: A METADE DA DOSE

está ameaçada. Unida, a nação franceza não pôde ser vencida". Verdade que os Francezes gostam muito de esquecer!

Depois disso, as convulsões civis, sem interromper, entretanto, a renovação annual da cerimonia, modificaram, por vezes, os seus detalhes. Depois da revolução de 1830, a procissão se effectuava exclusivamente dentro da cathedral. Depois, em 1848, o cortejo que, desde 1840 ia até ás "Tourelles", teve de se limitar de novo, durante quatro annos, ao interior de "Sainte-Croix". Sómente as autoridades civis e militares podiam ir até o antigo forte. Emfim, em 1908, por ordem do governo, cheio de anticlericaes, a cerimonia que, desde 1852 se effectuava na integra e em toda a sua unidade, foi dividida em tres partes. Um cortejo

civil, um cortejo militar, um cortejo religioso deviam circular na cidade, cada um do seu lado, reunindo-se apenas na praça de "Martroi", diante da estatua de Jeanne, dispersando-se em seguida, como se da sua reunião podessem sobreviver as peores calamidades. O bom senso dos Orleanezes acabou com essa palhaçada. E se as homenagens militares e religiosas se effectuam successivamente em vez de serem simultaneas como outr'ora, todas as familias espirituas da cidade commungam, neste dia, na mesma fé, atraz do estandarte branco com flores de lys de ouro.

Mais do que isso! Este anno, todas as forças espirituas da nação estão associadas na procissão que retomou, finalmente, a sua indivisibilidade secular.

Prova-o a presença do presidente da Republica Franceza, seguido do presidente do Conselho e membros do governo que seguem escoltados por soldados, atraz dos officiaes municipaes e adiante dos padres, no immenso cortejo religioso civil e militar. Hoje, o chefe do Estado não recusa comprometter-se acompanhando uma procissão, de caracter nacional, ou assistindo, como esta manhã na cathedral de Orleans — numa attitude edificante — a um officio pontifical ao lado de sete cardeaes e de cinquenta bispos. Que os estrangeiros se convençam disto. Os Francezes não estão mais dispostos a perder seu tempo entre-devorando-se. A guerra varreu de uma vez os miasmas empestados das guerras intestinas. Os que conheceram a fraternidade das trincheiras fizeram o juramento de manter a patria sempre unida.

A procissão marcha lentamente ao som de cânticos:

"Chantez, ô le clergé et messieurs les bourgeois,
 Commune d'Orleans, élevez votre voix.
 Em remerciant D'eu et la Vierge sacrée
 Quand, jadis, à tel jour, huitième de ce mois,
 Regarda em pit'é le peup'e orléanois"

Repetiam outr'ora, seguindo o cortejo. E enquanto esse cortejo se approxima, obedecendo ao conselho do bom Eloy d'Amerval, instinctivamente ponho-me a psalmodiar alguns versinhos e motetos, cantados a essa mesma hora durante tanto tempo e que ligam fortemente um peregrino de 1929 ao povo do seculo XVI:

"A la douce prière
 Dont le Roy Dieu pria,
 Vint Pucelle bergère
 Qui pour nous guetroya.

Par divine conduite
 Angl'ais tant fort greva
 Que tous les mit en fuite
 E le siège leva".

A fanfarra do 8º regimento de caçadores a cavallo annuncia a passagem da procissão. Em mim, o soldado se alegra, mas o tradicionalista sente a falta das "échelettes", campainhas argentinas que tilintavam, antigamente, nas ruas de Orleans, quando o cortejo apparecia. Depois vêm as delegações. E' impossivel não lastimar que os gymnastas, os bombeiros, os veteranos e as sociedades coraes não estejam separados uns dos outros pelas vinte e seis reliquias deslumbrantes que, durante dois seculos, cento e quatro homens carregavam na vanguarda da massa popular. Mas as reliquias tão bellas foram quebradas durante as guerras religiosas e dispersadas aos quatro ventos. Resgnemo-nos, pois, a ver desfilar sem interrupção as sociedades de salvadores condecorados e as sociedades de soccorros mutuos, tanto mais que essa boa gente desfila de modo marcial e com muita coragem debaixo de uma chuva imp'acavel que não consegue estragar a festa grandiosa.

Depois dessas innumeradas associações, vêm as municipalidades de Orleans e das cidades jeannicas. Ao passarem, os fraques funebres e as cartolas ridiculas, evocam-se — com que saudade! — aquelles officiaes municipaes vestidos de escarla-



Antes e depois das refeições

Para despertar o apetite e activar a digestão.

ta e velludo negro que antigamente davam uma nota tão alegre. Em vez desses guarda-chuvas ridiculos, embora necessarios, que tornam feios todos os braços, por que não substituir em imaginação o tremeluzir dos cirios em ambas as mãos? "Cada um deve ir á dita procissão com um cirio ardente na mão". Como devia ser bella essa floresta de cera virgem, balançando-se acima desse mar humano! Para que vos apagaram, cirios ardentes e tochas gigantes, de cera vermelha ou dourada, de que estavam cheias as ditas procissões? Por que não deram ramos a esses pequenos orphãos que não sabem o que fazer das mãos, como era costume antigamente a cidade offerecer áquelles que tomavam parte no piedoso desfile? Os meninos do coro das diversas parochias estão, sem duvida alguma, muito bonitinhos com os seus gorros vermelhos. Mas ficariam ainda melhor com os chapéus de flores, as corôas de violetas mescladas de ouro, que enfeitaram até o fim da monarchia, o rosto risonho de seus maliciosos predecessores.

Felizmente vêm para alegrar os olhos e a imaginação, a cohorte dos advogados de toga preta e "rabat" branco, os magistrados de gorro vermelho, os officiaes cujo uniforme é do mesmo azul que se desceja tanto ver brilhar hoje acima da cidade. Eis os deliciosos pagens de calças verde claro formando a guarda de honra do estandarte de Jeanne D'Arc, representantes dos "Puceaux" que durante tres seculos preencheram o logar da "Pucelle" nas procissões de 8 de Maio. Depois, atraz dos suissos vistosos e das commungantes das parochias, cuja alvura se harmoniza tão bem ao vermelho dos meninos de coro que as enquadram, vêm os baculos dos bispos, cujas batinas roxas succedem-se ininterruptamente; eis enfim a purpura deslumbrante dos cardeaes. Ao passar o magnifico cardeal Luçon os olhos enchem-se d'agua e prorompem os applausos; apesar dos seus oitenta e sete annos e do máo tempo, qu'z acompanhar essa procissão de sete kilometros. E', como Jeanne, da raça dos guerreiros e dos santos.

No meio desse fogo de artificio de todas as côres, um grupo sombrio attrae todos os olhares. Precedendo o presidente da Republica Franceza, caminha gravemente o embaixador da Inglaterra em França que "acceitando o mais nobre encontro a que o passado nos pôde convidar", — como o devia d'zer o Sr. Gabriel Hanotaux algumas horas mais tarde, — veio render homenagem solemne áquella que os Ing'ezes queimaram em Rouen. Os nossos visinhos d'além-Mancha nunca perderam occasião

sempre que o pod'iam, de fazer o seu "mea-culpa".

A 8 de Maio de 1857, fazendo na cathedral de Orleans o panegyrico de Jeanne D'Arc, o bispo inglez de Edimburgo, monsenhor Gillis, declarou: "Venho dentre aquelles que queimaram Jeanne inscrever no templo de sua memoria a confissão do crime dos meus antepassados e depôr aos pés da sua san-



de ALVARO MOREYRA

Edição Pimenta de Mello & Cia.

Rua Sachet, 34 — Rio de Janeiro

1 volume 6\$000

A' venda em todas as livrarias

ta imagem a offerenda tardia de uma raparação". Um outro prelado britânico affirmou, de um modo mais espi-rituoso, do pulpito de Sainte-Croix: "Cau-chon! Ah! como esse bispo tinha um nome apropriado!" E Rudyard Kipling concluiu em 1915, na sua bella "Mensagem á França": "Perdoamo-nos reciprocamente as nossas faltas e o velho crime imperdoavel da praça do Mercado Velho de Rouen". Olhando o povo francez que o cerca e o aclama, sr William Tyrell pôde ter a convicção que o velho crime imperdoavel está hoje bem perdoado.

Finalmente, depois do grupo calvo dos cincoenta bispos e a fila escarlate dos sete cardeaes, cercado pelos sumptuosos Cavalleiros do Sepulchro, cuja longa capa branca tem uma soberba cruz de Malta, atraz dos seus brilhantes camareiros, o nuncio apostolico adianta-se. Em que

pensa elle, enquanto abençoa o povo, a sua physionomia tão cheia de luz! Talvez esteja se lembrando que ha pouco, quando foi cumprimentar o Sr. Doumergue na camara municipal, as bandas militares francezas tocaram o "Hymno Pontifical" depois da Marselheza.

Isto tambem é uma bella victoria de Jeanne D'Arc. Uma hora depois, na praça do "Martroi", frementes da mesma emoção, o presidente e o nuncio, agradecerão á "Pucelle", quando o admiravel marechal Pétan, rodeado de todas as bandeiras e estandartes do 5º corpo de exercito, virá saudar com a espada a estatua de Jeanne, enviando á libertadora de Orleans o mesmo olhar com que elle agradeceu aos libertadores de Verdun.

E enquanto se desenrolam essas cerimoniaes, nas ruas de Orleans onde a imagem da "Pucelle" se encontra a cada passo: nos "cotignacs" e nas auriflammas, nos lyros e marcadores, um povo immenso e fervoroso communga na mesma fé. Oh! bem sei! Estes homens que se acotovelam para olhar o desfilar dos cortejos têm, na sua vida de todos os dias, interesses muitas vezes oppostos. Este agricu-tor da "Beauce", ainda hontem talvez se alegrasse com o encarecimento dos grãos, o que prejudica este operario pallido. Mas tambem sei que hoje, um ao lado do outro, elles empalidecem da mesma emoção d'ante da evocação de uma gloria que os une, de uma victoria necessaria á sua prosperidade. Ah! se os Francezes quizessem comprehender a fraqueza do que os separa, a força do que os une!...

E' necessario tirar de cada hora a lição apropriada. Qual o beneficio dessa cerimonia? A mais nobre vontade de união sagrada. Pelo que ella fez em Orleans, Jeanne D'Arc lembra aos Francezes a necessidade dos esforços communs para salvar a nação. "Estavam muito unidos para defender a cidade", relata o Diario do Cerco de 1429. Ahi está o segredo de toda victoria, quer pacifica quer guerreira. Guardemos a lição de Jeanne: "Francezes desunidos, supplicava, perdoae-vos de todo o coração". Depois de discordias civis absurdas, depois de annos mediocres em que, sob a influencia de dirigentes mãos e chios de odio, os Francezes não se amavam, resurgiu a cohesão sublime em Agosto de 1914 sob a ameaça do perigo. Durante quatro annos, nos campos de batalha, muitos irmãos outr'ora inimigos, comprehenderam o horror das luctas fraticidas. Commungaram na mesma fé.

Eis, porém, que depois da paz, politicos perversos tentaram novamente impellir o professor contra o padre, o operario contra o camponez. Mas aquelles que tomaram parte na guerra estrangeira não permitirão mais aos que a não fizeram, de tentar guerras civis. A União sagrada deve perdurar. Não ha tratado de paz mais bello que o de Orleans, onde uma vez por anno todos os Francezes se reconciliam em volta do estandarte de Jeanne D'Arc. Não deixemos de o renovar a cada 8 de Maio. "Em nome de Deus, Francezes desunidos, perdoae-vos de todo o coração!" Não permitamos que este grito caia no esquecimento. Não recommencemos amanhã as faltas de hontem! Em nome dos nossos Grandes Mortos, isto não pôde ser tolerado, nem hoje nem amanhã, nem amanhã nem nunca.

ROLAND EUGERAND.

As primeiras **5** horas da manhã são de importância vital



A MAIOR parte do trabalho diário é feita antes do meio dia. Por isso, os medicos e os educadores insistem na necessidade de uma alimentação saudavel logo pela manhã.

QUAKER OATS compõe-se, por natureza propria, dos elementos essenciaes á perfeita nutrição. 65% de carbohydrates, que produzem energia organica; 16% de proteina, que fórma o systema muscular. Além disso, contém oito elementos mine- raes e vitaminas em abundancia, razão por que Quaker Oats é considerado o alimento que mais concorre para o desenvolvimento e equilibrio organicos. Sirva-se de Quaker Oats logo pela manhã.

Quaker Oats é um alimento científico, muito agradável ao paladar, indispensavel á creança, ao estudante, ao negociante, á dona de casa, emfim, a todas as pessoas que têm affazeres logo pelha manhã.

Exija a lata Quaker. Verifique a marca e a conhecida figura do Quaker, adquirindo assim a certeza de obter genuino Quaker Oats.

Quaker Oats



**TEU
E'
O MUNDO**

**INTELLIGENTE LEITOR OU
ENCANTADORA LEITORA:**

Queres conhecer os meios que te guiarão a conseguir Fortuna, Amor, Felicidade, Exito em Negocios, Jogos e Loterias? Pede GRATIS meu livrinho "O MEN- SAGEIRO DA DITA". Remette 300 rs. em sellos para resposta

Direcção: — Profa. Nila Mara
— Calle Mathcu, 1924 —

Buenos Aires (Argentina)

REVISTAS DE TODO O MUNDO

- EMPORIOM — Revista mensal illustrada de arte e cul- tura, artigos geraes sobre historia, architectura.
- VOGA — Semanario illustrado da mulher, trazendo pagi- nas de bordados e modas.
- MAGAZINE BERTRAND — Leitura para todos, modas, contos, assumptos cinematographicos, anedotas.
- L'ELECTRICIEN — Revista mensal internacional de ele- cticidade e suas applicações, electricidade pratica e in- dustrial; a melhor revista no genero.
- REVUE DES DEUX MONDES — Revista mensal de cul- tura internacional, movimentos monetarios francezes.
- LE PETIT INVENTEUR — Trabalhos electricos, em ge- ral de muita utilidade ao agricultor e officinas mecanicas.
- LE MONDE NOUVEAU — Literatura, romances, artigos de jornalistas illustres.
- CINE-MIROIR — Publicação semanal illustrada, assumptos exclusivamente cinematographicos.
- LA SEMAINE VERMOT — De tudo e para todos, assum- ptos geraes, criticas, literatura e trabalhos.
- HISTORIA DE LA NACIONES — Popular revista pit- toresca e autorizada, relação de cada uma das nações dos tempos mais remotos aos nossos dias.
- GUTIÉRREZ — Jornal humorístico hespanhol semanal.
- EL ECONOMISTA — Revista semanal scientifica, inde- pendente, bolsa, mercados, contribuições, mineraes, agri- cultura, industrias.
- MACACO — Jornal das creanças, contos infantis, pintura.
- NUEVO MUNDO — Revista semanal hespanhola, com photographias universaes, muita literatura, procura- dissima.
- MUNDO GRAFICO — Revista semanal, com assumptos sportivos de toda parte do mundo.
- LAPANTALLA — Semanario hespanhol cinematographico, trazendo os assumptos mais particulares do cine.
- ESTAMPA — Revista graphica e literaria, da actualidade hespanhola.
- MODAS Y PASATIEMPOS — Altas novidades da moda internacional, com moldes e desenhos para bordar.
- CINE MUNDIAL — A rainha e a mais completa das revistas cinematographicas.
- PARATI — Emporio literario, com figurinos e trabalhos.
- EL HOGAR — A revista por excellencia das familias, con- tos, modas e actualidades.
- PLUS ULTRA — A revista da moda, sport, arte, paysagens, literatura, figurinos, photographias sociaes.

Casa Lauria — Rua Gonçalves Dias, 78

EDIÇÕES

PIMENTA DE MELLO & C.

TRAVESSA DO OUVIDOR (RUA SACHET), 34

Proximo á Rua do Ouvidor

RIO DE JANEIRO

Bibliotheca Scientifica Brasileira

(dirigida pelo prof. Dr. Pontes de Miranda)

INTRODUÇÃO A SOCIOLOGIA GERAL, 1º premio da Academia Brasileira, pelo prof. Dr. Pontes de Miranda, broch. 16\$, enc.	20\$000
TRATADO DE ANATOMIA PATHOLOGICA, pelo prof. Dr. Raul Leitão da Cunha, Cathedradico de Anatomia Pathologica na Universidade do Rio de Janeiro, broch. 35\$, enc.	40\$000
TRATADO DE OPHTHALMOLOGIA, pelo prof. Dr. Abreu Fialho, Cathedradico de Clinica Ophthalmologica na Universidade do Rio de Janeiro, 1º e 2º tomo do 1º vol., broch. 25\$ cada tomo, enc. cada tomo	30\$000
THERAPEUTICA CLINICA ou MANUAL DE MEDICINA PRATICA, pelo prof. Dr. Vieira Romeira, 1º e 2º volumes, 1º vol. broch. 30\$000, enc. 35\$, 2º vol. broch. 25\$, enc.	30\$000
CURSO DE SIDERURGIA, pelo prof. Dr. Ferdinando Labouriau, broch. 20\$, enc. .	25\$000
FONTES E EVOLUÇÃO DO DIREITO CIVIL BRASILEIRO, pelo prof. Dr. Pontes de Miranda (é este o livro em que o autor tratou dos erros e lacunas doCodigo Civil), broch. 25\$, enc.	30\$000
IDÉAS FUNDAMENTAES DA MATHEMATICA, pelo prof. Dr. Amoroso Costa, broch., enc.	
TRATADO DE QUIMICA ORGANICA, pelo prof. Dr. Otto Roth, broch., enc.	

LITERATURA:

O SABIO E O ARTISTA, de Pontes de Miranda, edição de luxo.....	
O ANEL DAS MARAVILHAS, texto e figuras de João do Norte.....	2\$000
CASTELLOS NA AREIA, versos de Olegario Marianno.	5\$000
COCAINA..., novella de Alvaro Moreyra.	4\$000
PERFUME, versos de Onestaldo de Penafort.	5\$000
BOTOES DOURADOS, chronicas sobre a vida intima da Marinha Brasileira, de Gastão Penalva.	5\$000
LEVIANA, novella do escriptor portuguez Antonio Ferro.	5\$000
ALMA BARBARA, contos gaúchos de Alcides Maya.	5\$000
OS MIL E UM DIAS, Miss Caprice, 1 vol. broch.	7\$000
A BONECA VESTIDA DE ARLEQUIM, Alvaro Moreyra, 1 vol. broch.	5\$000
ALMAS QUE SOFFREM, Elisabeth Bastos, 1 vol. broch.	6\$000
TODA A AMERICA, de Ronald de Carvalho.	8\$000
ESPERANÇA — epopéa brasileira de Lindolpho Xavier.	8\$000
DESDOBRAMENTO, de Maria Eugénia Celso, broch.	5\$000

CONTOS DE MALBA TAHAN, adaptação da obra do famoso escriptor arabe Ali Malba Tahan, cart.	4\$000
HUMORISMOS INNOCENTES, de Areimor	5\$000

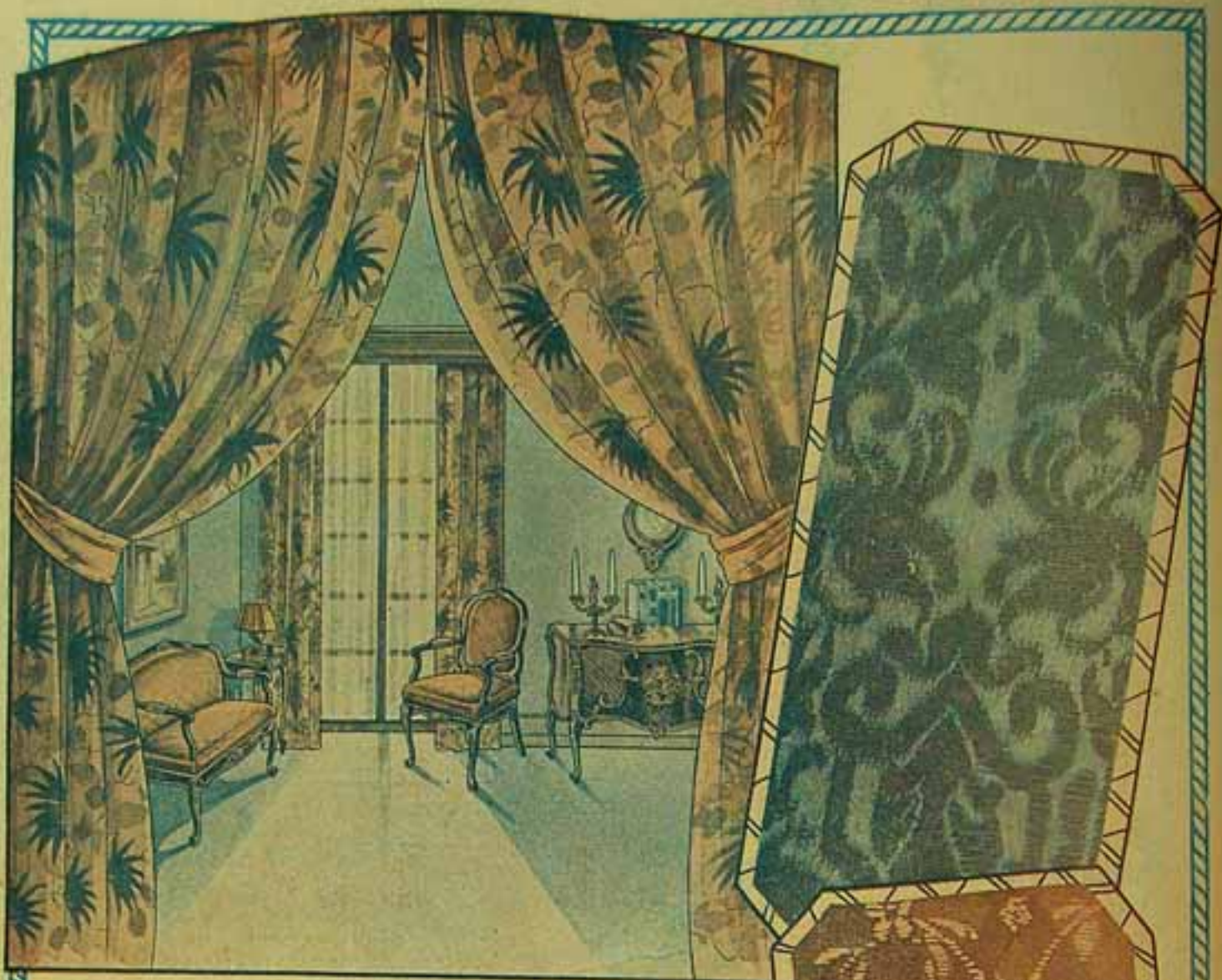
DIDATICAS:

FORMULARIO DE THERAPEUTICA INFANTIL, A. A. Santos Moreira, 4ª edição	20\$000
CHOROGRAPHIA DO BRASIL, texto e mappas, para os cursos primarios, por Clodomiro R. Vasconcellos, cart.	10\$000
CARTILHA, Clodomiro R. Vasconcellos, 1 vol. cart.	1\$500
CADERNO DE CONSTRUÇÕES GEOMETRICAS, de Maria Lyra da Silva..	2\$500
QUESTÕES DE ARITHMETICA theoricas e praticas, livro officialmente indicado no Collegio Pedro II, de Cecil Thiré....	10\$000
APONTAMENTOS DE QUIMICA GERAL — pelo Padre Leonel de Franca S. J. — cart.	6\$000
LIÇÕES CÍVICAS, de Heitor Pereira (2ª edição). . .	5\$000
ANTHOLOGIA DE AUTORES BRASILEIROS, Heitor Pereira, 1 vol. cart.	10\$000
PROBLEMAS DE GEOMETRIA, de Ferreira de Abreu.....	3\$000

VARIAS:

O ORÇAMENTO, por Agenor de Roure, 1 vol. broch.	18\$000
OS FERIADOS BRASILEIROS, de Reis Carvalho, 1 vol. broch.	18\$000
THEATRO DO TICO-TICO, repertorio de cançonetes, duettos, comedias, farças, poesias, dialogos, monologos, obra fartamente illustrada, de Eustorgio Wanderley, 1 vol. cart.	6\$000
HERNIA EM MEDICINA LEGAL, por Leonidio Ribeiro (Dr.), 1 vol. broch. ..	
PROBLEMAS DO DIREITO PENAL E DE PSYCHOLOGIA CRIMINAL, Evaristo de Moraes, 1 vol. enc. 20\$, 1 vol. broch.	16\$000
CRUZADA SANITARIA, discursos de Amaury Medeiros (Dr.).....	5\$000
UM ANNO DE CIRURGIA NO SERTÃO, de Roberto Freire (Dr.).....	10\$000
INDICE DOS IMPOSTOS EM 1926, de Vicente Piragibe.	10\$000
PROMPTUARIO DO IMPOSTO DE CONSUMO EM 1925, de Vicente Piragibe..	6\$000

COMO ESCOLHER UMA BOA ESPOSA, de Renato Kehl (Dr.).....	4\$000
BIBLIA DA SAUDE, enc.	16\$000
MELHOREMOS E PROLONGUEMOS A VIDA, broch.	6\$000
EUGENIA E MEDICINA SOCIAL, broch.	5\$000
A FADA HYGIA, enc.	4\$000
COMO ESCOLHER UM BOM MARIDO, enc.	5\$000
FORMULARIO DA BELLEZA, enc.	14\$000



**CORTINAS FINAS
SUISSAS
TECIDOS MODERNOS
PARA DECORAÇÕES**
IMPORTAÇÃO DIRECTA DOS MELHORES
FABRICANTES EUROPEUS
MOVEIS E TAPEÇARIAS
PREÇOS VANTAJOSOS

VENDAS A VAREJO E POR ATACADO



HORS CONCOURS NA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE 1922

65 - RUA DA CARIOCA - 67
- RIO DE JANEIRO -